

ADRIANA KELLY SANTOS

# Sexualidade e AIDS

no cotidiano escolar:

o que dizem os  
adolescentes?

ADRIANA KELLY SANTOS

# Sexualidade e AIDS

no cotidiano escolar:

o que dizem os  
adolescentes?

 FIOCRUZ  
CAMPUS VIRTUAL

 IOC  
Instituto Oswaldo Cruz

 SUS

Ministério da  
**Saúde**

 PÁTRIA AMADA  
BRASIL  
GOVERNO FEDERAL

## FICHA TÉCNICA

2019. **Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz**

Esta obra está de acordo com a [Política de Acesso Aberto ao Conhecimento](#), que busca garantir à sociedade o acesso gratuito, público e aberto ao conteúdo integral de toda obra intelectual produzida pela Fiocruz.

### **Ministério da Saúde**

*Luiz Henrique Mandetta*  
Ministro

### **Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz**

*Nísia Trindade Lima*  
Presidente

### **Vice-Presidência Educação, Informação e Comunicação**

*Cristiani Vieira Machado*  
Vice-Presidente

### **Campus Virtual Fiocruz**

*Ana Cristina da Matta Furniel*  
Coordenadora

### **Instituto Oswaldo Cruz**

*José Paulo Gagliardi Leite*  
Diretor

### **Coordenador Geral**

*Adriana Kelly Santos – Doutora em Saúde Pública. Pesquisadora do Laboratório de Educação Ambiente e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz da Fundação Oswaldo Cruz (Leas/IOC/Fiocruz)*

### **Conteudista**

*Adriana Kelly Santos - Doutora em Saúde Pública. Pesquisadora do Laboratório*

*de Educação Ambiente e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz da Fundação Oswaldo Cruz (Leas/IOC/Fiocruz)*

*Carla Nascimento – Mestre em Comunicação Social. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.*

*Fatima Cristina Troyack Furtado. Professora de História da Rede Estadual de Educação do Rio de Janeiro.*

*Iaralyz Fernandes Farias - Graduada em Saúde Coletiva. Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IESC/UFRJ)*

*Mário Sérgio M. Souza - Especialista em Ensino de Biociências e Gestão para Educação Ambiental. Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Professor de Biologia da Rede Municipal de Educação de Duque de Caxias.*

*Simone Monteiro – Doutora em Saúde Pública. Pesquisadora do Laboratório de Educação Ambiente e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz da Fundação Oswaldo Cruz (Leas/IOC/Fiocruz)*

### **Designer Gráfico**

*Francisco Miguel Trindade Martinho Alvaro*

### **Ilustrador Cartas do Jogo**

*Pedro Ivo Mira - Mestre em Ciências Sociais. Universidade Federal Fluminense/UFF*

### **Operador de Câmara**

*Raphael Andreozzi. Graduado em Marketing. Universidade da Cidade (UniverCidade).*

### **Editor de Audiovisual**

*Raphael Andreozzi. Graduado em Marketing. Universidade da Cidade (UniverCidade).*

### **Tradutor de Libras**

*Isabela Cardoso - Graduada em Saúde Coletiva. Instituto de Estudos em Saúde*

*Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IESC/UFRJ)*

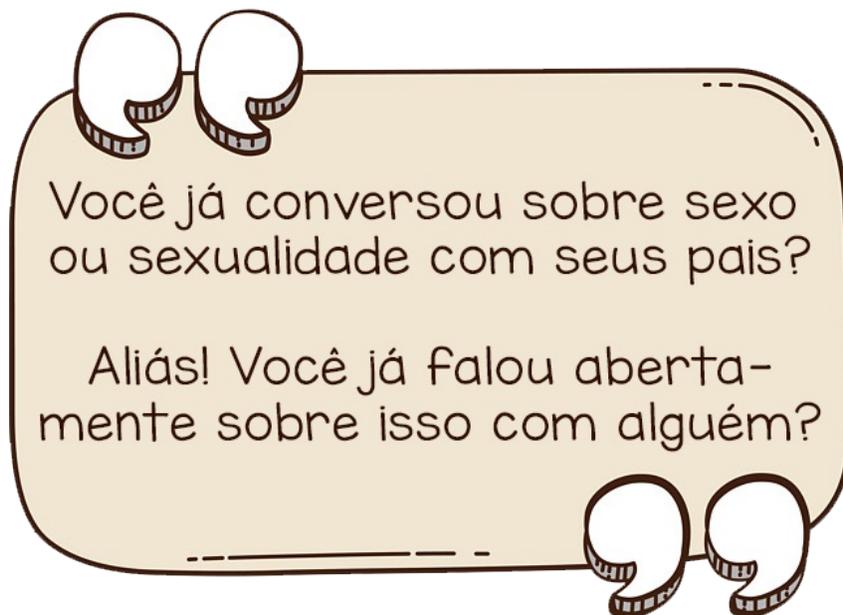
*Este trabalho é um desdobramento da pesquisa Jogos de imagens: Sexualidade e Aida sob o olhar de adolescentes do ensino médio do Estado do Rio de Janeiro (Faperj/ Edital- 28/2014), coordenada por Adriana Kelly Santos (Leas/IOC/Fiocruz).*

**Agradecemos a todos os alunos do Projeto Sem Vergonha pela contribuição respeitosa e ativa na elaboração deste e-book. Valeu galera!!!!**

# SUMÁRIO

1. **Apresentação**
2. **Por que é tão difícil falar de Aids?**
3. **Por que pesquisar sexualidade, HIV e Aids entre adolescentes**
4. **De repente adolescente**
  - A escola
  - Quem são, o que gostam e o que fazem os adolescentes?
  - Eles estão descobrindo a sexualidade - e acham muito difícil falar sobre isso
  - O que é ser homem? O que é ser mulher?
  - Ser ou não ser... virgem, eis a questão
  - Relações com os pais
  - Gravidez, HIV, Aids: do que eles têm mais medo?
  - A camisinha
5. **HIV e Aids ???**
6. **O Jogo: façam suas apostas**
7. **Fontes consultadas**

# APRESENTAÇÃO



Estas perguntas são uma parte importante dos motivos que me levaram a este trabalho: as pessoas falam muito pouco sobre sexo e sexualidade e, como consequência, deixam de falar também sobre temas com consequências muito, mas muito sérias. Como o HIV e a Aids, por exemplo.

Junte a esses fatores um dado importante: segundo o Ministério da Saúde o número de casos de infecção por HIV entre adolescentes/jovens aumentou nos últimos três anos.

Foi para refletir sobre a tantas perguntas que decidi pesquisar sobre...

# SEXUALIDADE, HIV e AIDS

Por que, em meio a tanta informação, ainda temos jovens se contaminando?

Como as informações chegam até eles, se é que chegam?



Como pensam e quem são esses adolescentes?

Depois de três anos de muita pesquisa de campo, com diálogo aberto e troca de experiências explorando essas questões, eu, professores e alunos decidimos criar um jogo de cartas para ajudar a revelar o que normalmente não é dito quando o assunto é a sexualidade, a Aids e o HIV.

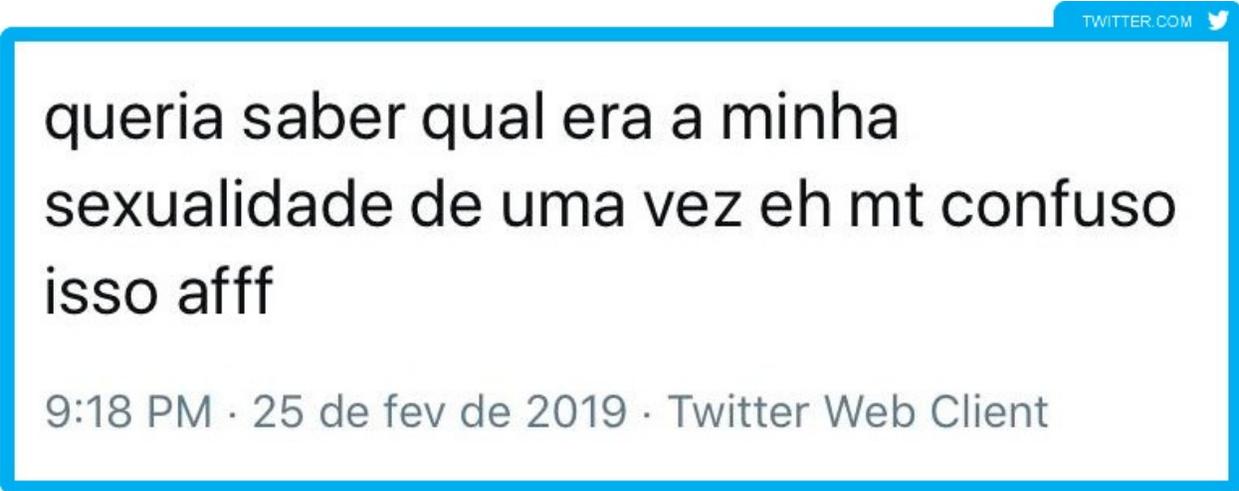
O convite é para exercitar a livre expressão de ideias, afetos e dialogar!

# POR QUE É DIFÍCIL FALAR DE AIDS?

Sabe por que é tão difícil falar de HIV e Aids?

Além, é claro, de todos os preconceitos relacionados à doença, a questão é que é quase impossível falar do assunto sem falar de sexo e sexualidade.

Mas o que eles são, afinal?

A screenshot of a tweet displayed within a blue border. The tweet text is in black font on a white background. In the top right corner of the tweet area, there is a small blue box with the text 'TWITTER.COM' and a white bird icon. The tweet content reads: 'queria saber qual era a minha sexualidade de uma vez eh mt confuso isso afff'. Below the text, the timestamp and source are shown in a smaller, grey font: '9:18 PM · 25 de fev de 2019 · Twitter Web Client'.

queria saber qual era a minha  
sexualidade de uma vez eh mt confuso  
isso afff

9:18 PM · 25 de fev de 2019 · Twitter Web Client

A resposta para esta pergunta pode parecer fácil, mas a verdade é que esses conceitos vêm embaralhando a cabeça de muita gente. É o que acontece neste tuíte, por exemplo:

eu tô questionando tanto minha sexualidade nos últimos meses, não sei, tá tudo bem confuso

11:02 PM · 24 de fev de 2019 · Twitter Web App

Sim, os dois são muito diferentes. Repare:

quem nunca negou sua **sexualidade** pra alguém por medo e **confusão** que atire a primeira pedra

# SEXO BIOLÓGICO

"CONJUNTO DE INFORMAÇÕES CROMOSSÔMICAS, ÓRGÃOS GENITAIS, CAPACIDADES REPRODUTIVAS E CARACTERÍSTICAS FISIOLÓGICAS SECUNDÁRIAS QUE DISTINGUEM MACHOS E FÊMEAS"

(BRASIL, 2009, P. 119).

# SEXUALIDADE

Na perspectiva dos estudos de gêneros “a refere-se às elaborações culturais sobre os prazeres e os intercâmbios sociais e corporais que compreendem desde o erotismo, o desejo e o afeto até noções relativas à saúde, à reprodução, ao uso de tecnologias e ao exercício do poder na sociedade”

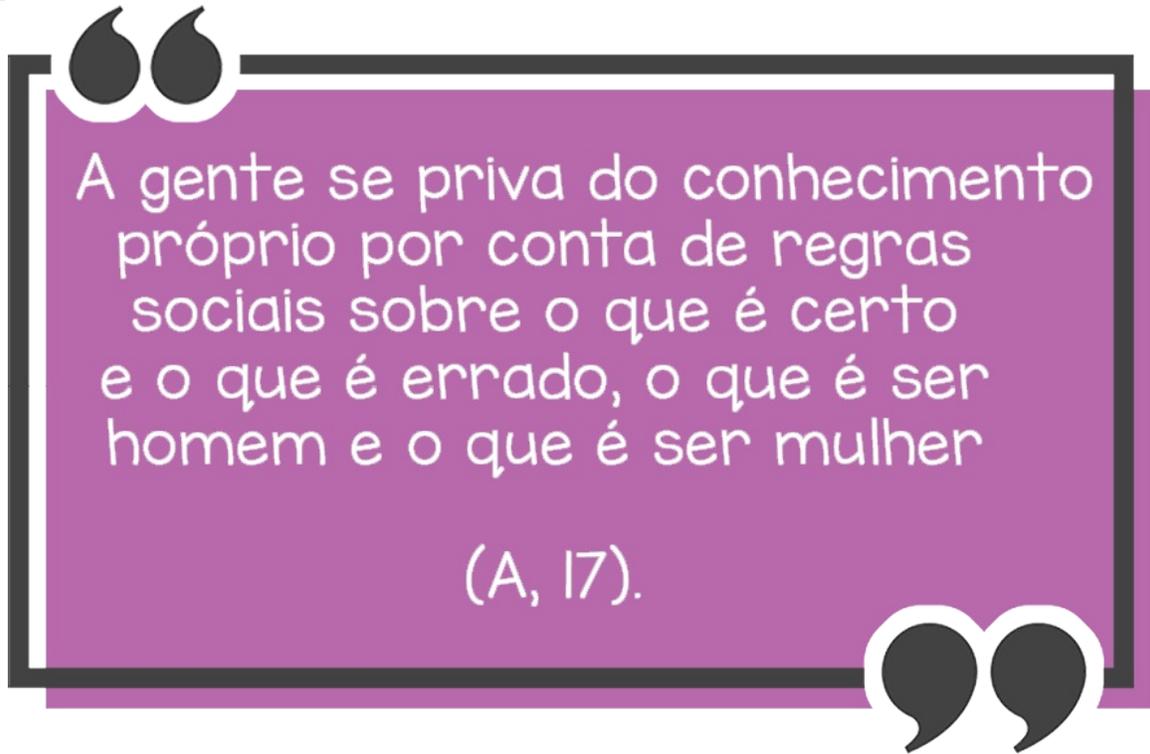
(BRASIL, 2009, p.164).

Mas... O que é ser **HOMEM**? Eo que é ser **MULHER**?

Muita gente usa o sexo feminino/masculino para responder a essas questões, é como no desenho abaixo:

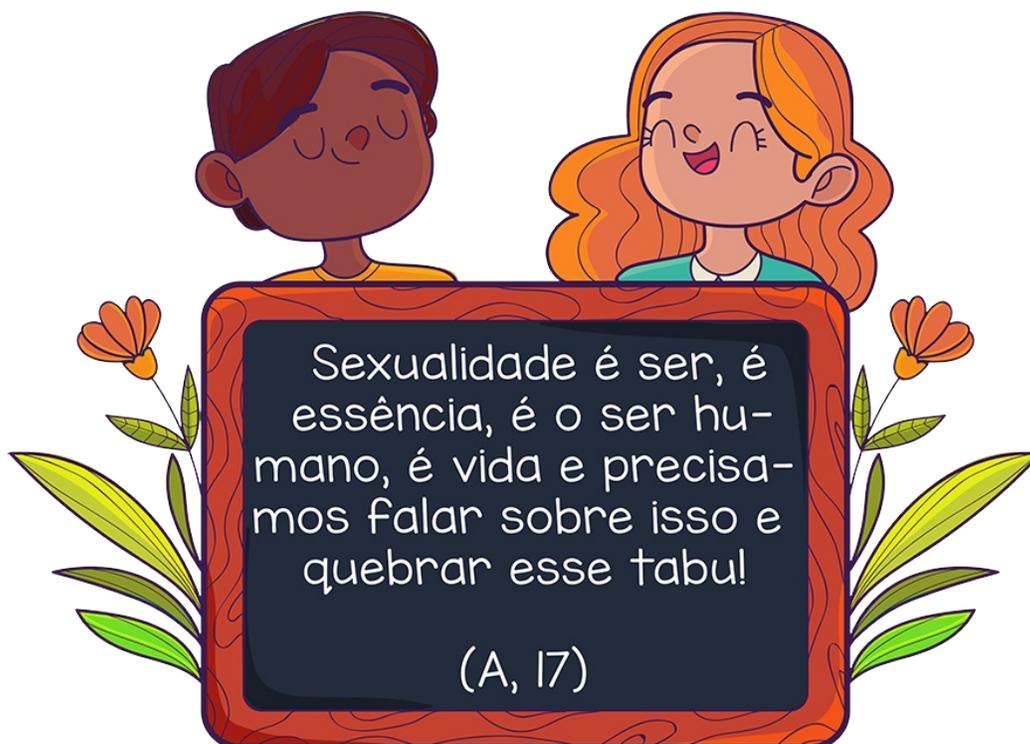


Na vida real as coisas funcionam como neste desenho: ser homem não é obrigatoriamente se relacionar com uma mulher, assim como o fato de ter órgãos sexuais femininos não determina a orientação sexual de uma mulher.



Nos três anos que passamos com estudantes pudemos compreender que essa visão está presente na realidade de adolescentes e dos profissionais que lá atuam.

Quando a gente pensa dentro da caixa homem-mulher e seus papéis sociais, fica mais complicado buscar o diálogo sobre Aids, especialmente se você não se encaixa nesse padrão.



Um exemplo: Como um adolescente que se relaciona com uma pessoa do mesmo sexo pode falar sem medo com os pais sem ter revelado sua orientação sexual?

Orientação sexual: Refere-se ao sexo das pessoas que elegemos como objetos de desejo e afeto.

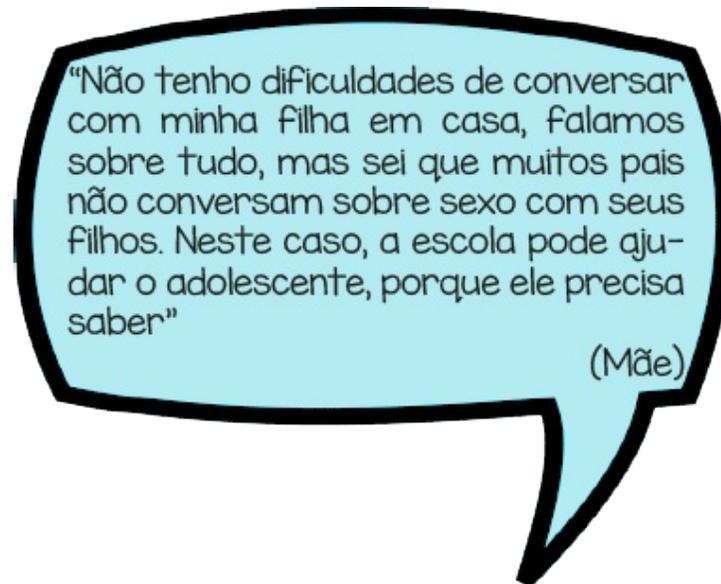
Hoje são reconhecidos três tipos de orientação sexual: a atração física e emocional pelo “sexo oposto”, a atração física e emocional pelo “mesmo sexo” e a atração física e emocional tanto pelo “mesmo sexo” quanto pelo “sexo oposto”.

A conversa se torna muito difícil porque, ao falar do vírus/doença, é preciso passar por sexo e sexualidade.

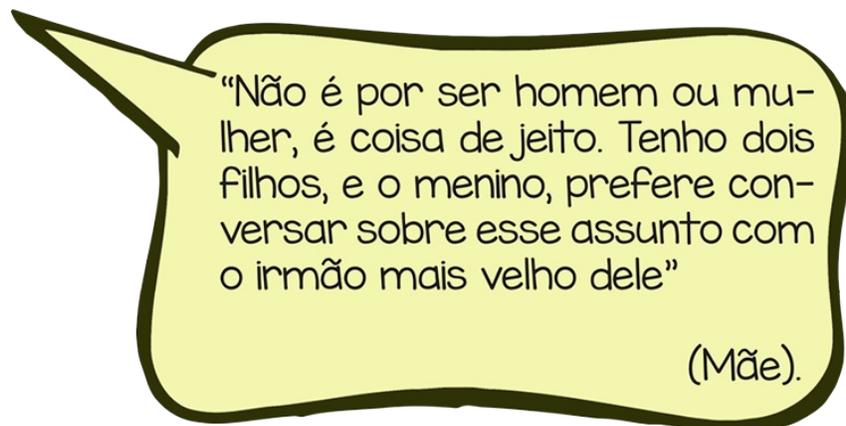
É assim que o assunto vira um elefante na sala, ou seja: um enorme e indesejado tabu com sérias consequências.

Em mais de uma oportunidade, ao falar com pais, percebemos que o diálogo também é uma tarefa complexa para eles.

Veja o que uma mãe nos disse:



E, quando perguntada sobre como conversar sobre sexo com um (a) adolescente, respondeu:



Reparou como a iniciativa de falar sobre sexo e sexualidade é marcante mesmo para os pais?

Imagine então como seria para um adolescente buscar diálogo sobre esses

assuntos e ainda falar sobre Aids:

“A maioria dos jovens tem receio de contar para os pais que teve umzsa relação sexual e, quando descobre que tem uma doença, cresce muito mais esse receio. Então ninguém fala, vejo que é proibido ter HIV, é proibido você fazer sexo. Até que isso tem se quebrado, mas é o que está, vamos dizer assim, nas grandes famílias tradicionais”.

(A, 13)



“ Quando o assunto é Aids ficamos com vergonha de falar. Com outras doenças sexualmente transmissíveis, se a menina estiver precisando de ajuda ela vai falar, mas sobre Aids não” (A, 12).

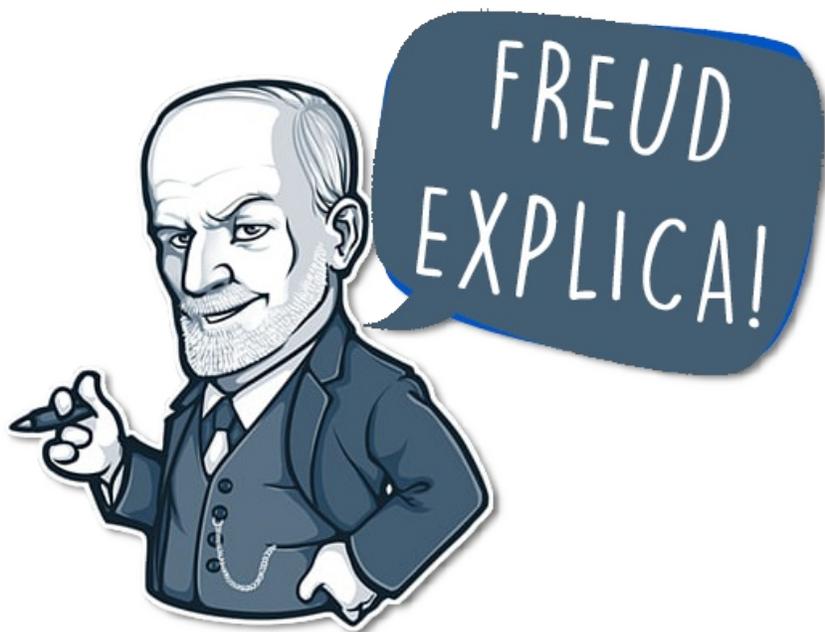
Temos mais um indício de que precisamos encontrar uma maneira de falar sobre

isso.

# POR QUE PESQUISAR SEXUALIDADE, HIV E AIDS ENTRE ADOLESCENTES?

Tente deixar de lado a ideia de um pesquisador de jaleco branco, cercado por máquinas em um laboratório: no peito de nós, pesquisadores, também bate um coração.

O psicanalista SIGMUND FREUD, no século passado, escreveu que a capacidade de fazer perguntas e de inventar está relacionada a uma necessidade da vida e ao ato criativo (Freud 1908/1996, p.135).



É isso mesmo, as perguntas estão dentro de cada um de nós. Isso quer dizer que pesquisadores não são seres de outro planeta, não têm fórmulas secretas: é ó porque somos meros mortais e temos sentimentos que é possível criar.

Minha mãe se chamava Laura, uma mulher forte, mãe de nove filhos. Ela trabalhou como merendeira a vida toda em uma escola pública em Bom Jardim de Minas, e foi nessa cidade do interior que cresci. Minha mãe deixou ensinamentos marcantes, como o prazer de inventar a vida, o gosto pela leitura, o amor pela arte popular (entre elas bordado, poesia e música) e o valor da educação, por exemplo. Ela me ensinou, principalmente, que a Educação é o melhor nutriente para diminuir as desigualdades sociais produzidas pelo capitalismo.

O aconchego, as emoções protetoras e o que aprendi com minha mãe serviram como um impulso para a criação. Com esse desejo pulsando, segui o que disse uma amiga:

**"VOCÊ APRENDEU COM SUA MÃE A ARTE DE FAZER O BORDADO DA VIDA!"**



A pesquisa nasceu dessa conexão. Não por acaso, me dei conta de que, no dia a dia de um trabalho científico, o que a gente faz é juntar as peças, tecer relações, criar laços com as pessoas. É como bordar: ponto a ponto, o desenho vai tomando forma.

Foi pensando em fazer laço e lutar pela vida que, numa tarde de trabalho na

Fiocruz, algo me chamou atenção. Mergulhada na análise do acervo de folhetos, cartazes e cartilhas usados nas campanhas de prevenção de HIV e Aids, percebi que apenas 16 de 459 materiais eram feitos para os adolescentes. Surgiu a curiosidade: seria o tema da prevenção do HIV e da Aids pouco falado entre os jovens ou até mesmo desconhecido? Quais as mensagens destes materiais?



Fui adiante nas leituras: descobri que entre os adolescentes há um aumento no número de casos por infecção de HIV. Junto com isso li em vários estudos que a vida de uma pessoa vivendo com HIV passa por preconceito e depende do uso diário de medicamentos com fortes efeitos colaterais. Em um exercício de empatia, pensei como é ser um adolescente com o vírus e todo o estigma que vem com ele.

Diante de tudo isso, senti o desafio de entender o que os adolescentes têm a dizer sobre sexualidade, o HIV e a Aids.

Toda pesquisa começa com uma hipótese, e a minha era a de que, na adolescência, com tantas curiosidades afetivo-sexuais, torna-se necessário que as pessoas falem abertamente de seus sentimentos sobre sexualidade, práticas sexuais, orientação sexual e identidade de gênero. Também considerei que é preciso falar das relações desses assuntos com a infecção por HIV e com a Aids.



🤔 **MAS...**

Como conversar com adolescentes/jovens sobre sexualidade, HIV e Aids?

Só tinha um jeito de descobrir: perguntando aos próprios adolescentes.

Para isso, fui a uma escola estadual de formação de professores do Rio para falar não só com estudantes, mas também com seus pais; conversei ainda com jovens que vivem com o HIV; entrevistei psicanalistas que atendem adolescentes e professores; e, para completar, com profissionais de saúde.

Essa pesquisa foi construída coletivamente, a partir da interação com pessoas com várias curiosidades e, muito provavelmente, com dúvidas parecidas com as suas. Nessa troca de experiências e informações, apresentei o jogo DiXit para os estudantes e tivemos a ideia de recriá-lo, adaptando ao universo da temática de sexualidade, HIV e Aids. Juntos, definimos os conteúdos das imagens das cartas e compusemos uma lógica de jogo com a intenção de facilitar o diálogo sobre esse assunto.

O jogo DiXit foi criado na França por Jean-Louis Roubira. A palavra dixit, de origem latina, quer dizer ele disse. Em francês, a expressão é utilizada antes ou depois do nome de uma pessoa para anunciar ou assinalar sua fala.

O jogo DiXit, tem como objetivo estimular a fala livre e a associação de ideias a partir da imagem que o jogador vê na carta sorteada. As cenas retratadas nas cartas estimulam o jogador a construir uma narrativa rica de representações e de emoções ao jogar. A interação entre os participantes se torna mais próxima e recheada de experiências pessoais.



Como retratar os adolescentes e os assuntos relacionados a sexualidade, HIV e Aids nas cartas do nosso deste jogo?

A dica foi escolher imagens que permitissem:

- ✓ Discutir a importância de respeitar e aceitar a diversidade sexual
- ✓ Mostrar que a orientação sexual não é automática ou imutável
- ✓ Explorar os gostos, emoções, inquietudes e raivas que fazem parte a dinâmica da sexualidade
- ✓ Relacionar sexo, amor, prazer e cuidado
- ✓ Criar cenas que mostrem romance entre casais, conversas entre amigos e família explorar a gravidez na JUVENTUDE.

# DE REPENTE ADOLESCENTE



Com a hipótese na cabeça fomos a campo, ou melhor, a uma escola de formação de professores no Rio de Janeiro, para saber se o ato de jogar poderia gerar (ou não) o debate entre os estudantes sobre esses assuntos.

**Será que um jogo  
pode facilitar o  
diálogo com  
adolescentes sobre  
sexualidade,  
sexo e HIV?**

Mas, antes, precisávamos conhecer melhor quem eram, como viviam e o que tinham a dizer – e o papo foi tão bom que passamos três anos desenvolvendo esta pesquisa junto com eles. Ah, e não, não existe um único manual que desvende a mente adolescente, mas é possível entender mais sobre esse universo tão incrível. Prepare suas malas e siga para a plataforma nove e três quartos.

## A Escola

É intervalo e os corredores estão cheios de alunos. As meninas usam saia plissada; os meninos, calças de brim azuis. Alguns descansam entre uma aula e outra, tirando um cochilo em um pufe que fica entre a sala dos professores e da administração. Ali, perto da biblioteca, há uma caixa de livros para ler.

Também não é raro esbarrar com casais: uma menina beija o “crush”; um garoto faz carinho no namorado; uma adolescente abraça a garota em quem está investindo. Casais – ou aspirante a casais - volta e meia são interrompidos por um inspetor de alunos, mas, logo depois da abordagem, retomam as carícias.

Mas nem só de namorico vivem os adolescentes. Eles também formam grupos, muitas vezes numa divisão mais clássica de rodinhas de meninos separadas das de meninas, mas isso está longe de ser uma regra. Estamos falando, afinal, de uma escola que incentiva a convivência e, com isso, os grupos se misturam com facilidade nas atividades coletivas/culturais. Nas quadras, por exemplo, muitos dançam, pintam ou brincam, rodeados por arte e esporte.

Gostos musicais à parte, o que dá o tom das relações naquele espaço são a diversidade e a informação: andando pelo corredor, há murais, placas com a história da escola e cartazes por todos os lados, com mensagens que atualizam a agenda escolar e convites para projetos pedagógicos da escola, como o Projeto Sem Vergonha.

O “SV”, como é chamado, é desenvolvido por 20 estudantes e coordenado por dois professores com formação em biologia e história. O objetivo do grupo é encontrar ferramentas para sensibilizar os estudantes para as discussões sobre sexualidade, normas de gênero, raça, saúde e meio ambiente.

Lá, o debate é profundo, e por isso mesmo passamos a fazer parte do seu dia a dia de reflexões, atividades e informações. Esta foto é um dos exemplos do que é discutido no SV.

O que você vê?



Três homens vestidos de terno agredem um casal que está sob a bandeira LGBTIQA+. A cena gerou muita polêmica entre pais, alunos e professores.

“Não podemos incentivar esse tipo de prática”,

“Escola não pode estimular a violência”,

“Isso é preconceito com as religiões evangélicas”.

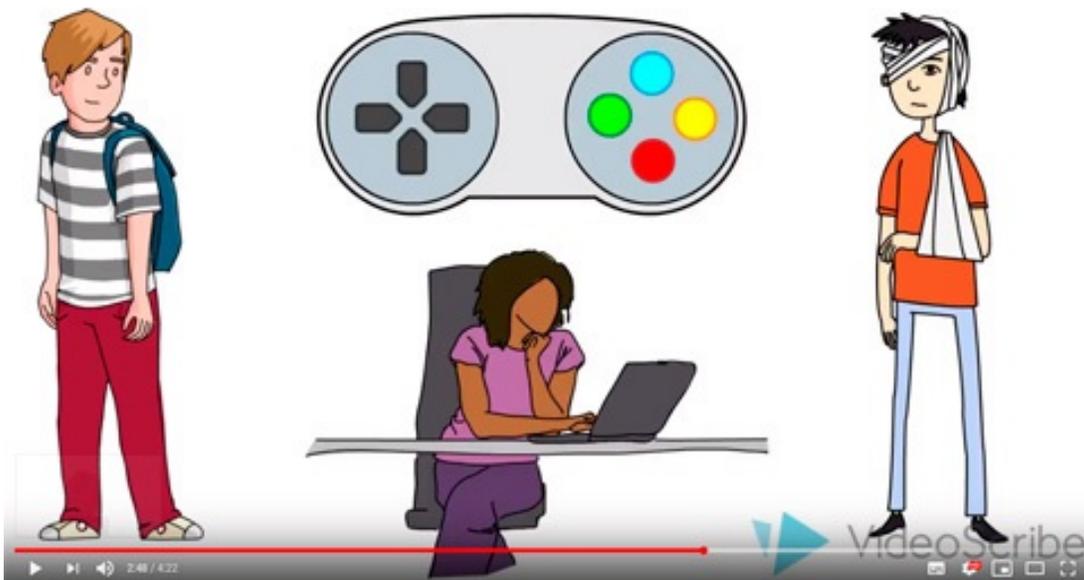
Por outro lado, muita gente defendeu a importância da discussão.

“Esse trabalho mostra o que acontece na realidade e esse é nosso papel de formar cidadãos”,

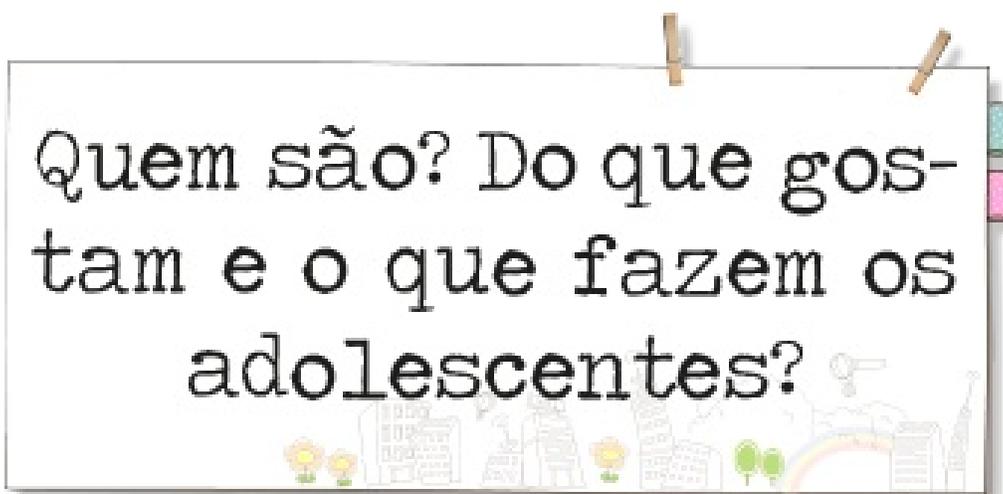
“As imagens expressam um trabalho feito pelos alunos, o que eles vivenciam, aprendem e consideram importante dizer”,

“A saída dessa confusão foi colocar uma interrogação no livro, e, deixar que cada um construa sua interpretação”.

Como você já viu até aqui, estamos falando de uma escola com uma atuação político-pedagógica que promove debates sobre a promoção, a garantia e o respeito de direitos humanos e suas relações com as questões relacionadas a diversidade sexual, as desigualdades sociais e a discriminação racial. Sim, aqui se discute sobre temas espinhosos.



Fonte: Youtube, disponível <https://www.youtube.com/watch?v=g1zGrXgVkRc>



# Quem são? Do que gostam e o que fazem os adolescentes?

Uma vez ambientada na escola, já que esta pesquisa é um grande bordado coletivo, participei e até organizei encontros, bate-papos, discussões e oficinas para contribuir com a discussão desses temas e coletar mais material de pesquisa. Aqui neste e-book reuni algumas das peças que ajudam a entender os sentimentos, frustrações e dilemas adolescentes.

Encontrei adolescentes cansados: eles estudam o dia todo, e muitos acordem ainda de madrugada para chegar à escola às 7h. Além disso, eles passam manhã e tarde por lá, o que justifica cada bocejo. Nem por isso o ambiente é menos agitado ou divertido: entre muitas risadas, eles fazem estágio de docência escolar, cartazes e brinquedos; comem pipoca na sala de projetos; e enfrentam o filão do almoço no refeitório.

Entre uma tarefa e outra, uma mensagem aqui e outra ali nas redes sociais, enquanto preparam suas performances para o The Voice e o Festival de Dança da escola. Tudo isso sem perder de vista o ENEM.

# O que eles querem FAZER?

Pedagogia,  
Educação Física,  
Gastronomia, Design,  
Psicologia.



# O que eles CURTEM?



O que o sol faz com  
as flores

Eu tenho sérios  
poemas mentais

O pequeno príncipe

Depois de auschwitz

Outros jeitos de usar  
a boca

Diário de Anne Frank

Megera domada

Escrava Isaura



Para todos garotos  
que já amei

Sixteencandles

A barraca do beijo

DonnieDarko

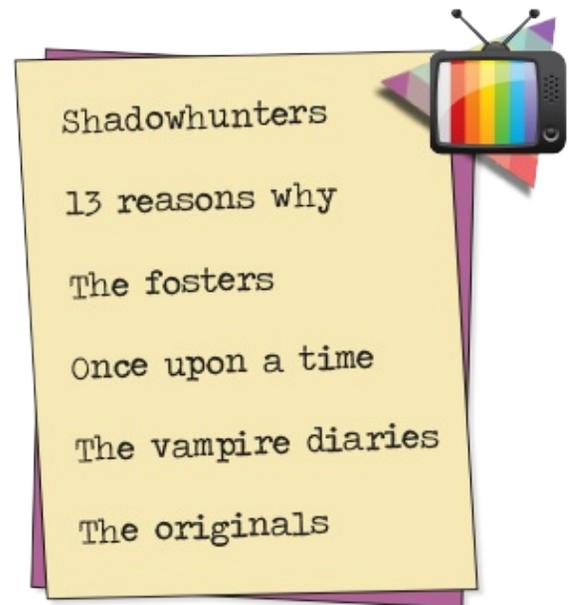
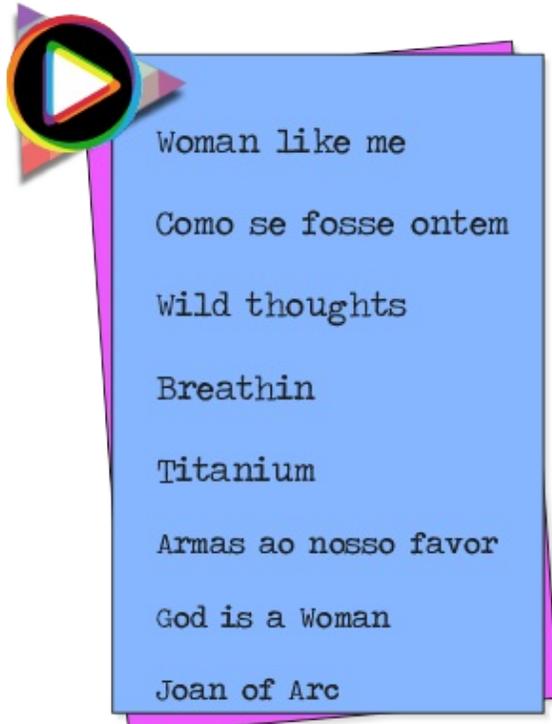
10 coisas que eu  
odeio em você

Querido John

A saga crepúsculo

A culpa é das estre-  
las

Invasão zumbi



Eles escutam músicas que dão vozes aos sentimentos vividos nas descobertas da adolescência, das relações afetivo-sexuais, ao empoderamento feminino.

# Eles estão descobrindo a **SEXUALIDADE** e acham muito difícil falar sobre isso

Ao olhar para pessoas aparentemente tão bem informadas, conectadas e descoladas, você pode pensar que os adolescentes de nossos dias tiram de letra falar sobre sexualidade. Só que não!

Afinal, é nessa fase da vida que grande parte das pessoas tem relações sexuais pela primeira vez e, o fato é que, apesar de, em um primeiro momento, muitos adolescentes parecerem empoderados e seguros de suas escolhas e experimentações, eles ainda estão descobrindo sua orientação sexual e identidade de gênero. E, isso vira a alvo de maior pressão interna.

Alguns dos adolescentes que entrevistei, por exemplo, sentem atração por pessoas do mesmo sexo, mas ainda estão aprendendo a lidar com isso.

“Eu achei que era homossexual, mas depois que beijei uma garota, vi que não” (A,12).

“ Às vezes a gente beija uma garota só porque ela é bonita. Isso não quer dizer que a gente seja lésbica (A,13)”;

“Já me relacionei com meninos antes de ter uma namorada. E eu realmente não gosto de meninos (A14, )”.

“Quando digo que sou bissexual, as amigas perguntam como as coisas acontecem entre meninas” (A, 17 ).

Essas falas mostram que conversar sobre sexualidade não é apenas falar sobre sexo a partir das diferenças biológicas entre homens e mulheres: é dialogar abertamente, sem “segredos”, sobre medos, desejos e curiosidades.

É entender as singularidades e a maneira como cada pessoa vivencia seus afetos sexuais – o que deseja, do ponto de vista subjetivo e cultural.

Já ouvimos falar que a sexualidade está ligada ao desejo , não é mesmo?

Pelo menos é isto que o psicanalista Freud disse, em 1914: a sexualidade é parte do psiquismo do ser humano (afetos conscientes e inconscientes) – e tem a ver com a libido.



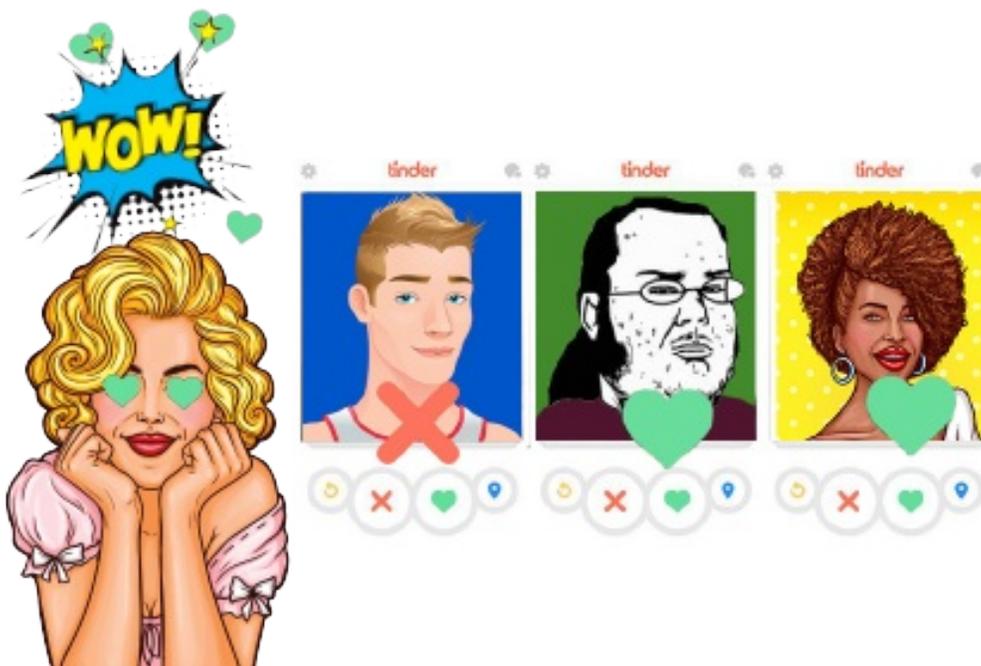
E o que é a **LIBIDO** ?

É a energia sexual que flui no corpo humano. É um fluxo constante que tem como finalidade a satisfação/prazer, que pode ser alcançada de diferentes formas. A satisfação sexual não tem um único objeto definido e, só por isso, que podemos sentir prazer com coisas muito diferentes e de diversas maneiras.



Para ilustrar isso, vamos pensar:

Antes de escolher nosso crush por exemplo, alguma coisa bate dentro da gente – o desejo e, daí vamos ver se a pessoa é legal, inteligente, bonito(a), divertido(a) e sexy.



Para nós, o prazer atravessa fronteiras e, nesse trânsito, a satisfação está ligada à nossa memória e ao que aprendemos a gostar (ou não) com a nossa família ou com os amigos. E tudo isso influencia no que acreditamos ser certo ou errado em

nossas experimentações, inclusive no modo como vivenciamos os relacionamentos afetivos-sexuais.



Para nós, o prazer atravessa fronteiras e, nesse trânsito, a satisfação está ligada à nossa memória e ao que aprendemos a gostar (ou não) com a nossa família ou com os amigos. E tudo isso influencia no que acreditamos ser certo ou errado em nossas experimentações, inclusive no modo como vivenciamos os relacionamentos afetivos-sexuais.

Por isso, é importante falar abertamente, sem “segredos”, sobre a sexualidade, sem restringi-la as diferenças físicas dos sexos feminino e masculino. Isso significa ver além dos padrões socialmente fixados para homens e mulheres. Falar sobre sexualidade sem segredo é o que nos disse uma das mães que participaram de nossa pesquisa.

Umbo de família mínima sem numerosa:  
semos 10 irmãs e sou a penúltima filha.

Minha mãe, nunca conversou comigo sobre pul-  
sidade, sexualidade, relacionamentos e, meira-  
mente, acho por ignorância, no exato turno da pa-  
lavra. Meu conhecimento de tais assuntos foi adqui-  
rido de forma completamente equivocada, através  
de conversinhas de pi de avó com amiguinhas  
e falando uma coisa aqui e outra ali.

Quando fui mãe, a questão de ser no oitavo  
minha filha, nunca me preocupou nem fiz um pla-  
nejamento de como "falar sobre aquilo", até nunca  
me afiquei. As situações foram acontecendo e a  
conversa simplesmente fluiu de forma mais natural  
por um tempo: me ati boje, e aí dei um susto, quando  
minha filha, ainda no Fundamental I, me perguntou:  
"mãe, o que é pedófilo?"

Respostadas as dúvidas propostas para a idade  
da pequena, não me futei e relatei suas dúvidas.  
Quando o viro de utas emitindo uma opinião re-  
mente à semelhança da reação de mãe, uma das  
minhas maiores preocupações, no atual momento, é a  
consciência do ato. Muitas foram as conversas com  
minha filha e sempre disse que não tenho o  
mínimo interesse em que ela seja uma "virgem im-  
acessada", pelo contrário, que aprenda e namore  
bastante. Virgínia não vem como parar, adquiriu-  
no entanto quanto que o ato seja feito com sentimento,  
respeito, cuidado e muita, muita, responsabilidade.





Fonte: arquivo da pesquisa, responsável Adriana Kelly Santos (Leas/IOC/Fiocruz). Disponível em <https://youtu.be/IKrNHLIQwN0>

Em nossa pesquisa, vimos que esses assuntos são centrais na vida dos jovens, e que a escola é um lugar privilegiado para dialogar sobre estes temas que geram muitas dúvidas e, algumas vezes, ideias equivocadas.

**MAS O QUE QUESTÕES RELACIONADAS À IDENTIDADE DE GÊNERO, QUANDO NÃO TRABALHADAS, PODEM OCASIONAR NO COTIDIANO DOS ADOLESCENTES?**



A dúvida quanto a se encaixar ou não em uma “classificação” gera conflitos e, em muitos casos, torna tensa a convivência com pais, irmãos, amigos e até dentro de entidades religiosas.

Para adolescentes, seguir essa “classificação” homem-mulher, muitas vezes “inibe a curiosidade” relacionada ao sexo e gera insegurança diante da escolha de um parceiro ou parceira.

“A gente se priva do conhecimento próprio por conta de regras sociais sobre o que é certo e o que é errado, o que é ser homem e o que é ser mulher”  
(A, 17).

“Tenho medo de ser  
bissexual”  
(A, 31).

“Eu sou lésbica e minha irmã é heterossexual. As pessoas perguntam se eu já fiquei com a minha irmã”  
(A, 15).

**O QUE SERIA ENTÃO ESSA TRANSEXUALIDADE?**



Fonte: arquivo da pesquisa, responsável Adriana Kelly Santos (Leas/IOC/Fiocruz). Disponível em [https://youtu.be/0k0ud\\_qeHJw](https://youtu.be/0k0ud_qeHJw)

Sim, estamos em 2019 e ainda estamos determinando papéis de homens e de mulheres, sejam eles heterossexuais ou LGBTQIA+. Como fazemos isso?

Repetindo tais padrões exaustivamente, reforçando estereótipos o tempo todo. É assim que as famílias funcionam, em geral: as meninas vestem roupas cor-de-rosa, brincam de bonecas, ajudam a mãe em casa, não podem brincar de futebol e nem sentar de pernas abertas. Os meninos brincam de futebol, carrinho e jogos eletrônicos, não se enfeitam, não dançam balé, também não podem ter letra bonita e nem ajudar em casa.



Na publicidade, na TV, em revistas, sites e canais no Youtube a gente vê como as pessoas aparecem caricaturadas, e isso não é à toa. A publicidade usa, na propaganda, modelos que reforçam símbolos de sensualidade e poder: enquanto a masculinidade é viril, a feminilidade é frágil.

Mas por que bater tanto nessa tecla feminino versus masculino?

Porque somos bombardeados, desde que nascemos, a nos identificar com X ou Y e, isso vai influenciar nossas escolhas para o resto da vida.

Ser ou não ser  
**VIRGEM**

eis a questão



“Não dá para  
restringir uma  
mulher ao  
rompimento de  
uma pele”

(A, 21).

“Mas vocês se assumem virgens porque têm o hímen. Só que fazem todas as outras coisas”

(A,6).

Crenças e fantasias sobre o rompimento do hímen, vergonha, medo e pudor: a perda da virgindade é cercada por tabus que afetam especialmente as meninas.

Alguns conceitos podem explicar o porquê isso acontece. Como sabemos, não faz muito tempo os homens dominavam os rumos da sociedade, inclusive sobre a vida e os corpos da mulher - e não eram nem sequer questionados por isso.

Com esse “superpoder” eles controlavam o modo como todas viviam: estudar, trabalhar fora e votar? Nem pensar.

Quanto as experiências sexuais, mulheres não podiam escolher seu marido, muito menos uma companheira. Mulheres também tinham a missão de ter apenas um companheiro por toda a vida, até porque tinham que se casar virgens. Ter mais de um homem era pecado ou coisa de “periguete”. Portanto, estavam excluídas automaticamente do vocabulário feminino- e da prática - transar antes do casamento.

Vemos como as questões de gênero estão na base de nossos relacionamentos afetivos-sexuais e, que algumas ideias machistas não são coisa do passado. Em nossas conversas com os adolescentes vimos que, para eles, questionar o que é esperado para homens e mulheres é uma maneira de aprender a não repetir

estereótipos e preconceitos machistas, por exemplo a ideia de que homem precisa perder a virgindade o mais cedo possível e de que a mulher tem que “se guardar” para o “futuro marido”.

“Não é mole. Para a mulher, as coisas são mais escondidas e será que isso tem a ver com seu corpo?”

(A, 29)

# RELAÇÃO PAIS E FILHOS

A relação entre pais e filhos é um outro ponto que pode contribuir para os silêncios em torno da virgindade. Vimos que falar sobre esse assunto com alguns pais parece impossível: são muitos medos. E se eles descobrirem que a filha já fez sexo?

"SE A GENTE FALAR DE VIRGINDADE COM A MÃE, NA CABEÇA DELA É PORQUE A GENTE ESTÁ GRÁVIDA" (A.8).

Muitas vezes, a postura “vigilante” pode gerar um clima:

Minha mãe se chamava Laura, uma mulher forte, mãe de nove filhos. Ela trabalhou como merendeira a vida toda em uma escola pública em Bom Jardim de Minas, e foi nessa cidade do interior que cresci. Minha mãe deixou ensinamentos marcantes, como o prazer de inventar a vida, o gosto pela leitura, o amor pela arte popular (entre elas bordado, poesia e música) e o valor da educação, por exemplo. Ela me ensinou, principalmente, que a Educação é o melhor nutriente para diminuir as desigualdades sociais produzidas pelo capitalismo.

Para os adolescentes, privacidade é coisa séria, assim como autonomia e responsabilidade nas suas decisões afetivas-sexuais. A tentativa de invadir esse espaço muitas vezes pode representar a uma violação de um direito, mas principalmente uma ameaça à confiança.

Como construir laços se, muitas vezes, o que se pratica é a precariedade dos afetos e da confiança?



Como conseguir que pai/mãe e filho/filha se conectem quando eles dão valor a questões tão diferentes?



<https://www.lettras.mus.br/legiao-urbana/22488/>

Já dizia a música “Pais e filhos”, de Legião Urbana. Inspirada por esta letra e pela experiência relatada por pais, proponho agora, um exercício de empatia

entendimento:

Dificuldade de conversar sobre sexualidade na família.

Não há dificuldades em conversar sobre sexualidade, se tratarmos o tema desde as primeiras perguntas e ações da infância com naturalidade e transparência. Precisamos ser coerentes com nossos reais valores e nossos filhos absorverão. Precisamos também permitir realistas com nossas limitações e dificuldades e ainda queremos evoluir; porque sempre a geração mais nova "socode" nossos princípios.

Se ensinarmos desde sempre auto-respeito e hetero-respeito, é quase natural ter um adolescente respeitoso. Evidente que respeito é um conceito muito amplo; porém exemplo é tudo. Se tivermos uma pastura de campo fértil e ponderação, nossos filhos não terão dificuldade que é a adolescência com tantas transformações, questionamentos, exigências e atitudes, quando distintos de nós, reproduzir o que ensinamos e o que fazemos; seja na escola, na igreja, no clube, na rua, no grupo ou nos pares. Mesmo que, perto de nós, sejam rebeldes e contestadores para se auto-definirem.

Comportamento, amizades, drogas, amor, pares e sexualidade; todos os assuntos passa por estes pontos: respeito, transparência, coerência e exemplos. No entanto, não podem negar a influência do que é externo à família.

da tempestade de informações que hoje chegam a nós; por isso precisamos estar próximos e abertos à conversas e posturas diferentes das nossas; e, principalmente, respeitosa. As escolhas de nossos filhos. Fazê-los entender que sexo responsável e sexualidade também é felicidade; que usar camisinha é auto-respeito, que se prevenir é ser mais inteligente.

Tudo começa muito antes de adotar. Começa quando se brinca com bonecas e bola, quando damos escolha de poder brincar com um ou com os dois, com nenhum ou com outra coisa. Começa quando respeitamos e ensinamos o respeito por si mesmo e a respeitar a todos, todos mesmo. Começa quando damos de casa e cumprimentamos a todos com gentileza quando passamos e vemos a natureza pulsante com admiração, informação e reflexão.

E então a sexualidade pode ser e continuar sendo um tema que faz parte de nós todos os dias, que pode ser falado a qualquer hora, que é que mais um assunto importante entre tantos para a formação de um ser e a construção do seu bem-estar.

Mãe, 54 anos.

Até meus oito anos de idade, eu já sabia tudo sobre sexualidade. De beijo ao sexo. Não porque meus pais me ensinaram mas sim porque minha mãe ~~me~~ <sup>me</sup> aos onze anos ~~iniciava~~ <sup>iniciava</sup> seu namoro ~~breve~~ <sup>breve</sup> que pouco tempo acabou e ela decidiu na época ~~se~~ sair cada noite com um diferente e ~~numa~~ <sup>numa</sup> ~~diária~~ <sup>diária</sup> ela contava suas experiências e me contava tudo. Além disso lembro também que na estante de casa havia uma coleção de 8 livros ~~plano~~ <sup>plano</sup> sobre sexualidade e que eu lia, meus pais viam isto mas não se manifestavam. Minha primeira vez aos onze anos e só quem ficou sabendo foi minha irmã. Não tive coragem de contar para minha mãe por vergonha e pelo motivo ~~de~~ <sup>de</sup> não ter intimidade para ~~falar~~ <sup>falar</sup> sobre essas coisas. ~~Consegui~~ <sup>Consegui</sup> esconder por um ano, depois ela descobriu. Aos 17 anos casei e tive minha primeira relação sexual. Não havia nenhuma novidade pra mim, pois teoricamente eu já sabia de tudo. Ao ter minha primeira filha me senti contar tudo sobre sexualidade que do ela fez sete anos de idade. Acho amanhã já que o meu pai exige isto de nós. Não me arrependo e até hoje conto muitas coisas que podem servir de exemplo pra ela ou outras novidades que ~~aparecem~~ <sup>aparecem</sup> por aí. Somos amigas e amigas íntimas e acredito que tenha sido melhor assim.



# GRAVIDEZ HIV e AIDS

do que eles tem mais medo?

O vírus é o HIV, as infecções sexualmente transmissíveis são várias, mas sabe qual é a preocupação número um da maioria dos jovens? A possibilidade de uma gravidez não planejada.

Repare o final da frase: “para isso (a gravidez) não há remédio.” Ao escutar esses jovens, observei que eles entendem o risco de se infectar com o vírus do HIV, mas pensam que, como há tratamento, o problema não é tão grave assim.

**“A GRAVIDEZ É A MINHA ÚNICA PREOCUPAÇÃO,  
PARA ISSO NÃO HÁ REMÉDIO.” (A, 11)**

Para eles, pior é ser pai/mãe antes da “hora”, uma realidade com uma série de consequências (irremediáveis) que eles conhecem muito bem. Afinal, quase todos os estudantes com que falamos durante a pesquisa conhecem alguém que teve um filho na adolescência.

O nome Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) passa a ser adotado em substituição à expressão Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), porque destaca a possibilidade de uma pessoa ter e transmitir uma infecção, mesmo sem sinais e sintomas

Por conta desse terror em torno da gravidez há muito medo da responsabilidade

(de ser pai ou mãe), da possibilidade de interromper os estudos, da falta de apoio na família e até mesmo do próprio parceiro (a) também são motivos de preocupação. Ainda assim, só se fala de sexo, nunca sobre sexualidade.

Por isso, quando o assunto é gravidez, tente não julgar: em um primeiro momento, pode parecer difícil compreender o que se passa na cabeça desses adolescentes que, afinal, cresceram cercados de informações sobre o tal “sexo seguro”. Entretanto, a questão que fica é como falar sobre o uso da camisinha e proteção durante as práticas sexuais, se há pouco diálogo sobre a própria sexualidade?



Os jovens com quem falamos são ávidos e curiosos e, em geral, têm uma outra ideia em comum:

**“O PRAZER VEM ANTES DA RESPONSABILIDADE.” (A, 2)**

Não é que eles não saibam que usar camisinha é a melhor forma de se prevenir contra o vírus do HIV e outras infecções sexualmente transmissíveis, além da gravidez. Eles, inclusive, apontaram a eficácia do método. O problema é que muitos, mas muitos mesmo, associam o uso da camisinha a algo negativo.

“Saber colocar a camisinha” não faz diferença, pois “o fato de usar camisinha já corta o clima.” (A, 3)

“Eu transo com meu namorado sem camisinha, porque realmente é mais gostoso.” (A, 24)

Voltemos aos muitos cartazes que circulam nas campanhas do Dia da Aids e também na escola, cuja mensagem principal é: USE CAMISINHA! PROTEJA-SE!

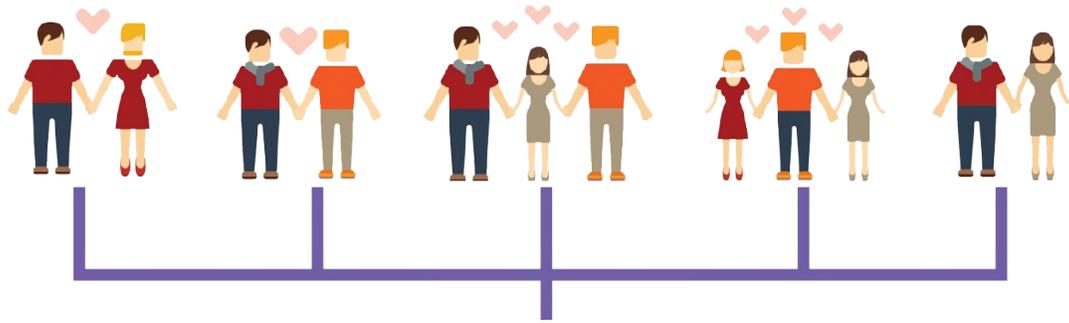


Será que esse tipo de informação basta para mudar o comportamento? O convívio com os adolescentes nos mostrou que as formas de comunicação sobre o uso do preservativo (masculino e feminino) precisam ser mais atrativas e dialogar com seu cotidiano de uma forma mais clara e que gere, de fato, o engajamento dos jovens na prevenção do HIV/Aids.

A questão é que há muitos elementos que precisam entrar nesse diálogo, como por exemplo as diferentes formas de relacionamento afetivo-sexual e o prazer a elas relacionado. Muitas vezes, a busca pelo prazer faz com que diversas pessoas “justifiquem” algumas atitudes de risco no momento do sexo - como abrir mão do uso da camisinha.

“Usar a camisinha feminina é incômodo. Sai, fica frouxa, você sente ela mexendo” (A, 17).

“Essa coisa de usar camisinha feminina é horrorosa. Na hora você tem que segurar a camisinha, se desconcentra e não fica gostoso.” (A, 25)



Tanto faz o relacionamento ser sério, aberto ou colorido  
**O LEGAL É USAR CAMISINHA!**

Praticar sexo sem camisinha para alguns jovens não significa, necessariamente, estar desprotegido. Muitos me contaram, em mais de uma oportunidade, que acreditam que a confiança no parceiro (a) é o que mais pesa na hora de decidir usar ou não o preservativo.

“A gente sabe o risco de ficar doente, mas corre o risco, porque na verdade a gente só transa com quem a gente gosta e confia.”

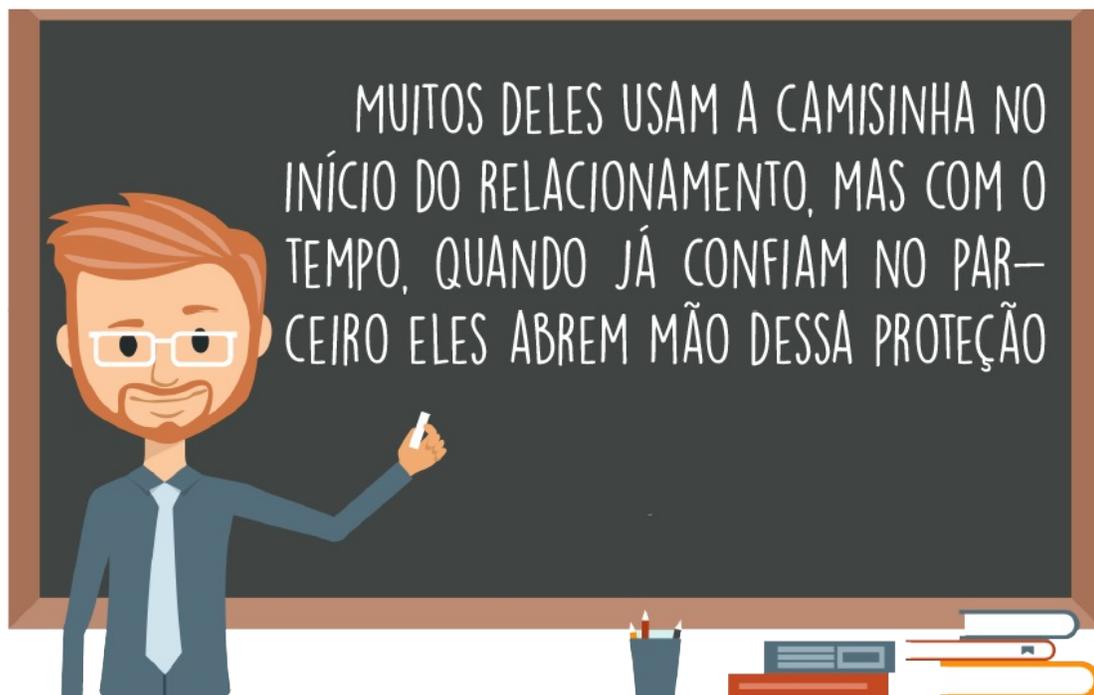
(A, 23)



“A confiança não é uma garantia, mas ajuda a escolher não usar a camisinha”

(A, 28).

Como nos contou os professores:



Outros fatores, além da confiança, influenciam na decisão de usar ou não o preservativo. A autoestima é um deles, como mostra o diálogo entre duas adolescentes:

“Há meninas que não usam para agradar o parceiro”  
(A, 23)

“Isso é medo, insegurança, falta de amor próprio. Todos estes sentimentos estão interligados”  
(A, 12)

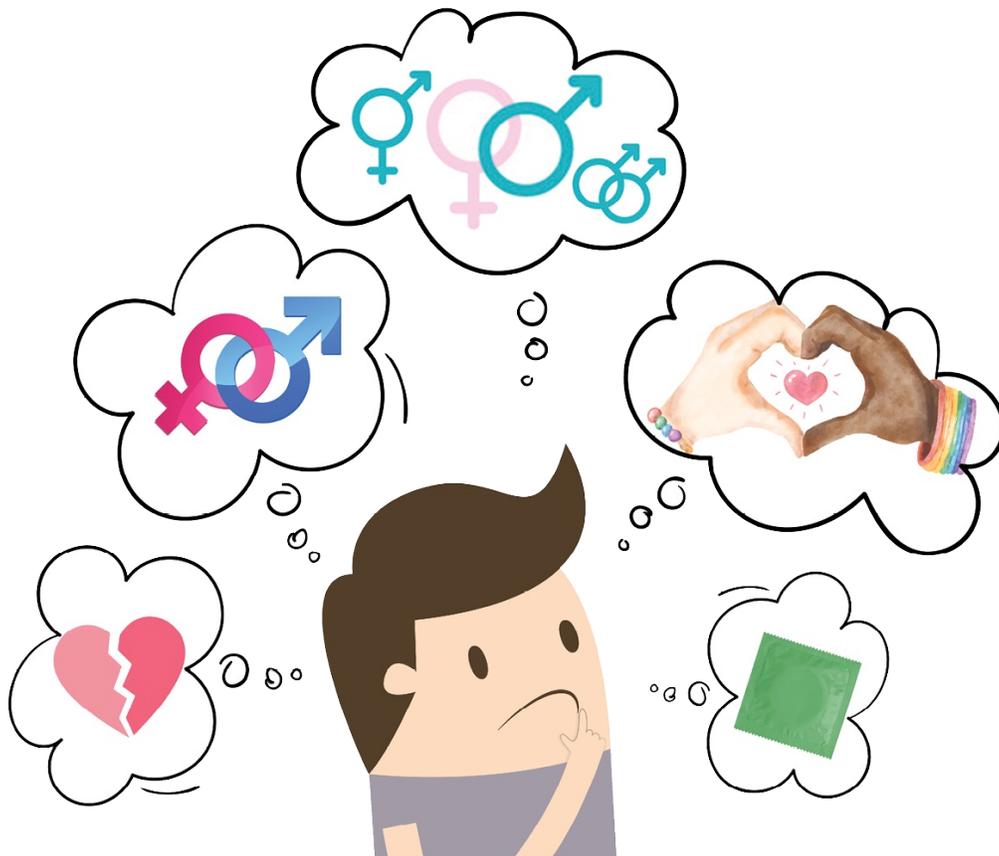
A insegurança pode motivar esse tipo de decisão: nesse caso, dizer “não” é assustador em um relacionamento, especialmente na adolescência, quando ainda estamos aprendendo a nos relacionar.

Uma coisa é confiar na relação; outra bem diferente é abrir mão de se cuidar e ser responsável pela sua vida e, com isso, também cuidar do outro. Já pensou que essa é uma forma de demonstrar o amor por si e pelo outro?

# AIDS E HIV??

“Quando [o assunto] é Aids, ficamos com vergonha de falar” (A,21).

Se falar de sexualidade é um desafio, imagine só discutir sobre o HIV: descobrimos que há vários estigmas relacionados ao vírus que vêm de uma herança preconceituosa relacionada ao sexo (e à sexualidade). Afinal, o ato sexual é a principal forma de contágio. Talvez, por isso, há tanto silêncio, medo e ideias deturpadas sobre o assunto, apesar de não faltar informação.



Escolas, postos de saúde, mídia e redes sociais: não faltam opções para ler sobre Aids/HIV, isso fica bem claro nessa troca de mensagens entre duas adolescentes e o pessoal da nossa pesquisa: as pessoas estão familiarizadas com o tema.



O fato é que o Ministério da Saúde aumentou o acesso ao diagnóstico precoce e ao tratamento no Serviço Único de Saúde. Além disso, ao longo das primeiras décadas da epidemia, foram feitas várias campanhas de divulgação sobre a prevenção do HIV e da Aids que mostraram como qualquer pessoa pode se infectar pelo HIV.



Fonte: PÕE NA RODA , YOUTUBE, disponível  
<https://youtu.be/8vIVyOwz0J4>

Mas, ainda sim, o número de casos entre jovens de 15 a 29 anos aumenta a cada ano.

**A MAIORIA DOS ADOLESCENTES/JOVENS NÃO CONHECE ALGUÉM QUE VIVE COM HIV E, PORTANTO, NÃO TEM IDEIA SOBRE A EXPERIÊNCIA DO QUE É VIVER COM O VÍRUS.**

Foi aí que decidimos colocar esses estudantes em contato com um jovem soropositivo, alguém a quem pudessem fazer perguntas, mas principalmente, com quem se identificar: a aposta, aqui, é na empatia.



Fonte: arquivo da pesquisa, responsável Adriana Kelly Santos (Leas/IOC/Fiocruz). Disponível em <https://youtu.be/VfFlfwDFSX8>



O estudante de Psicologia Leonardo Aprígio relata o que sentiu quando

descobriu que tinha sido infectado com o vírus. Hoje ativista, ele se dedica a conversar com outros jovens e a militar por causas relacionadas aos direitos de soropositivos, como o acesso a medicamentos, por exemplo. Nesse trecho, ele fala sobre como foi a quando descobriu que estava com HIV, a relação com a família e sua maior dificuldade em todo o processo: o preconceito.



Fonte: arquivo da pesquisa, responsável Adriana Kelly Santos (Leas/IOC/Fiocruz). Disponível em <https://youtu.be/gfFu0M7j91s>

As pesquisas sobre medicamentos têm demonstrado os efeitos do uso dos antirretrovirais na redução da carga viral e, conseqüentemente, no baixo risco de transmissão quando a carga viral é indetectável. De olho nesta descoberta o Ministério da Saúde tem focado na prevenção combinada.

As unidades de saúde oferecem cuidados antes e depois da exposição ao vírus, a pré-exposição (Prep), e a pós-exposição (PEP).

Consiste no uso de antirretrovirais por pessoas não infectadas pelo HIV, mas vulneráveis ao vírus em função de frequentes práticas sexuais desprotegidas com alto risco de infecção.

**Prep**

Consiste no uso de medicação em até 72 horas após qualquer situação em que envolva risco de contato com o HIV, como violência sexual, relação sexual desprotegida e acidente ocupacional com instrumentos perfurocortantes ou contato direto com material biológico.

**PEP**

Saiba mais sobre Prep e PEP pela voz do super indetectável.



Fonte: Canal Super Indetectável, YOUTUBE, disponível  
<https://www.youtube.com/channel/UC48y6mvG0I8ugyceRibgahw>

## **Por que falar de Falar sobre Sexualidade, HIV e AIDS – fica a dica para os pais!!!**



Fonte: arquivo da pesquisa, responsável Adriana Kelly Santos (Leas/IOC/Fiocruz). Disponível em <https://youtu.be/ntyzdL9eQ1w>

# O JOGO: FAÇAM SUAS APOSTAS!

Nos últimos três anos conhecemos muita gente legal, mergulhamos em um universo de filmes e séries completamente diferentes, trocamos muitas ideias, compartilhamos pensamentos, observamos, fizemos amizades e

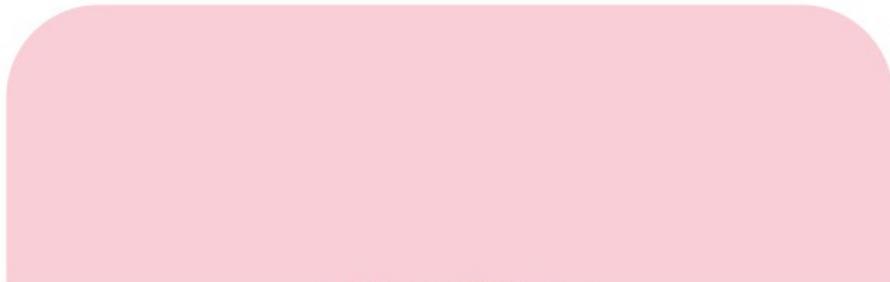
**aprendemos** demais com esses adolescentes, seus pais e professores. Com este ebook ficamos não só fãs de Ariana Grande, mas completamente encantados por essa geração e bastante empenhados em ajudá-la a lidar com essa fase de descobertas.

***Agora**, o convite é para exercitar a livre expressão de ideias, afetos e dialogar.*

**Vamos jogar!!!!**













9



9











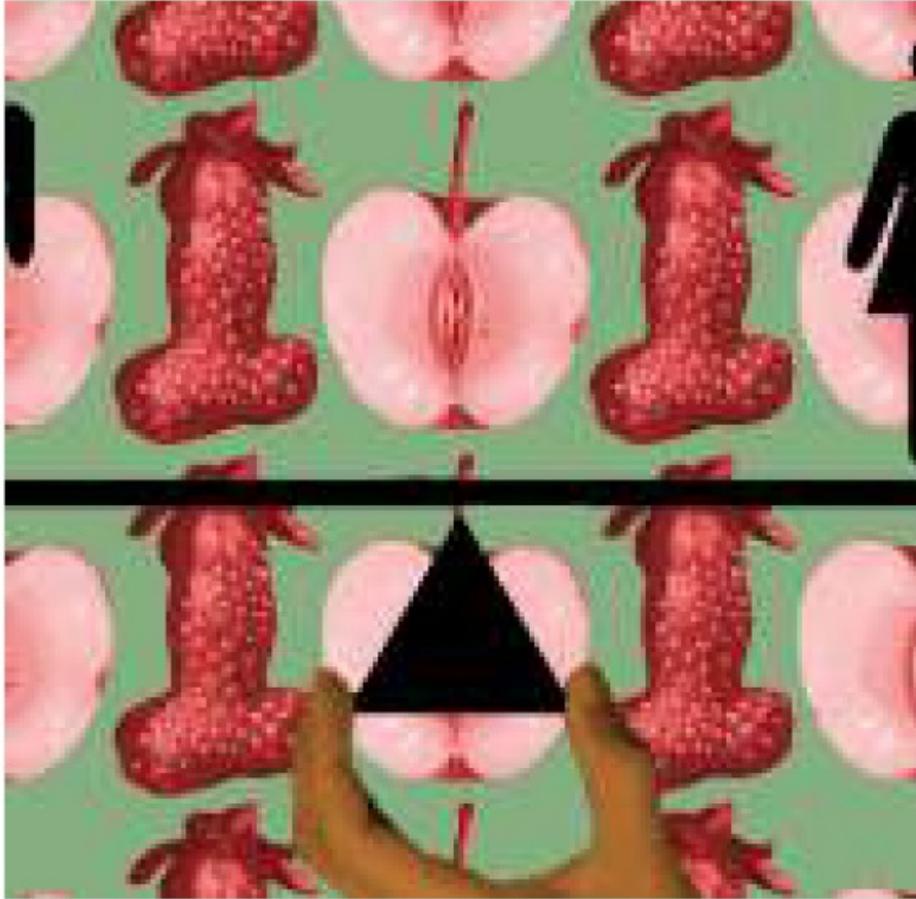
9





































9

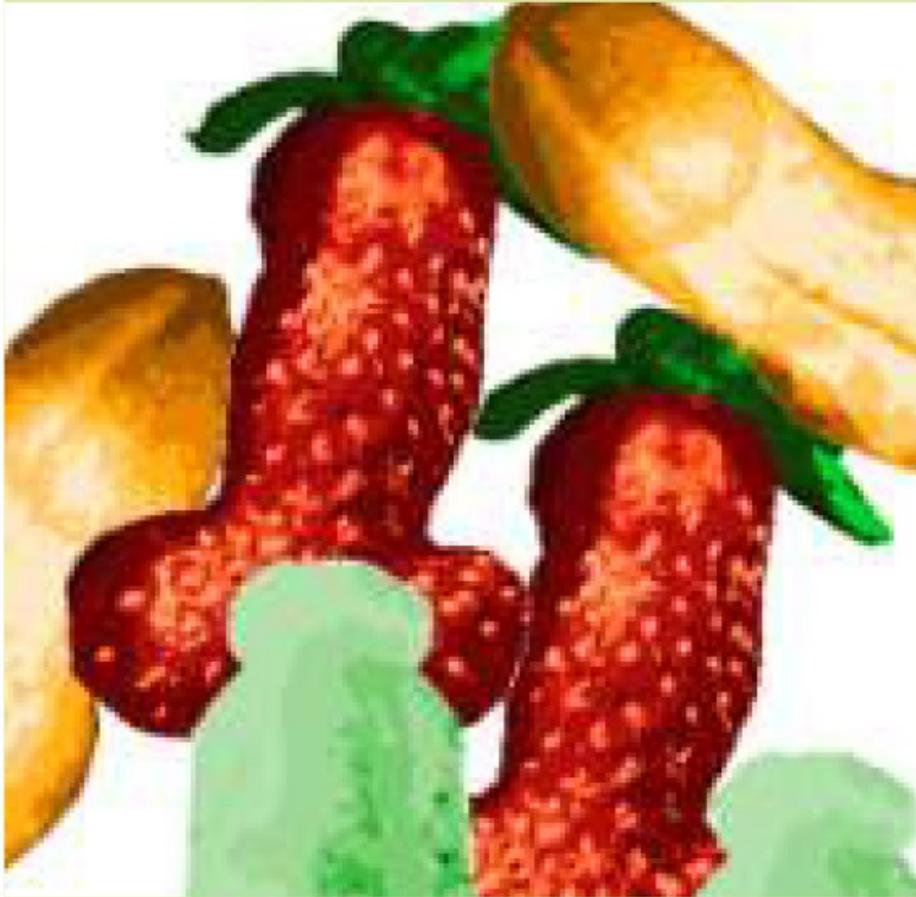








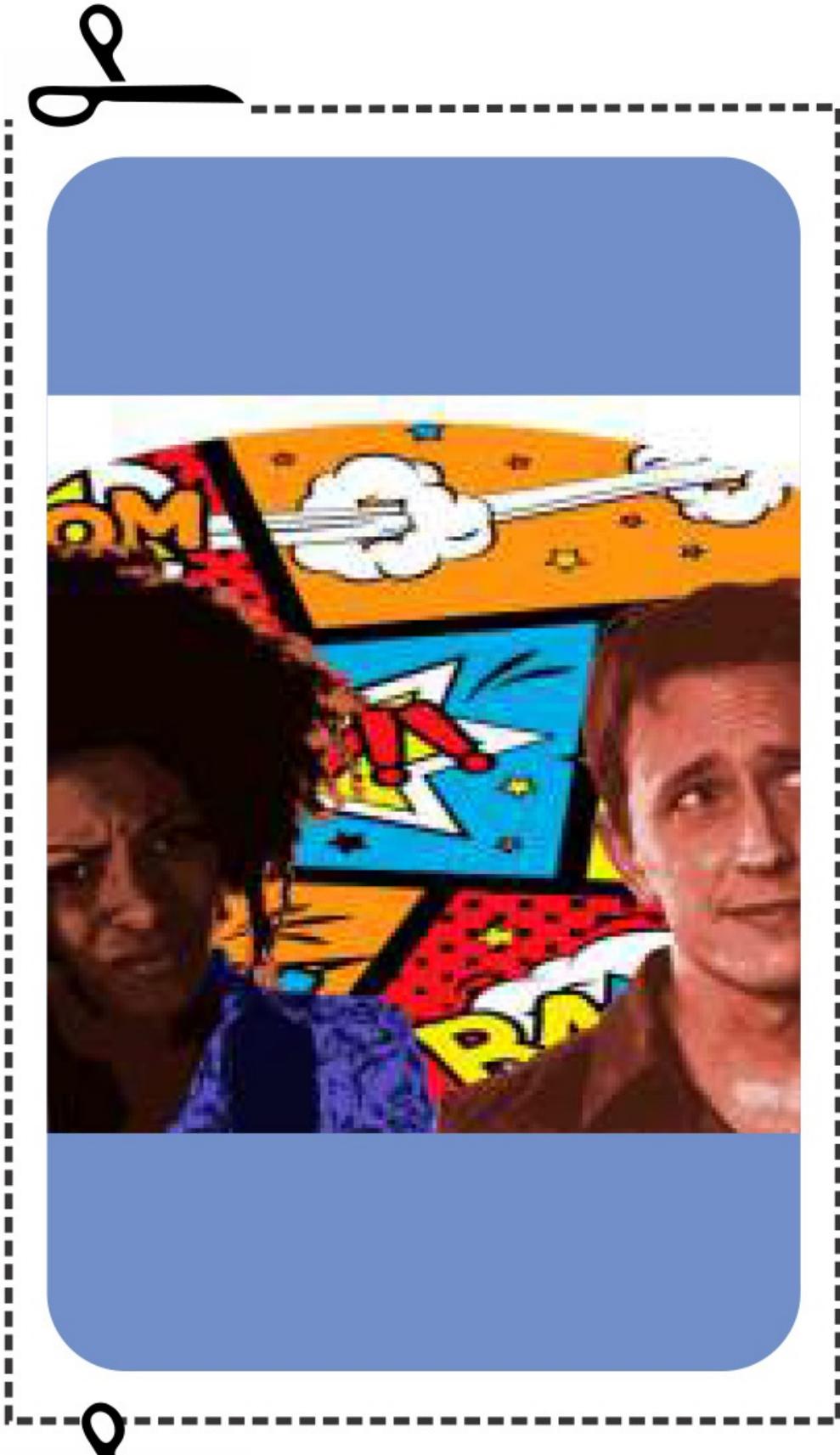
9



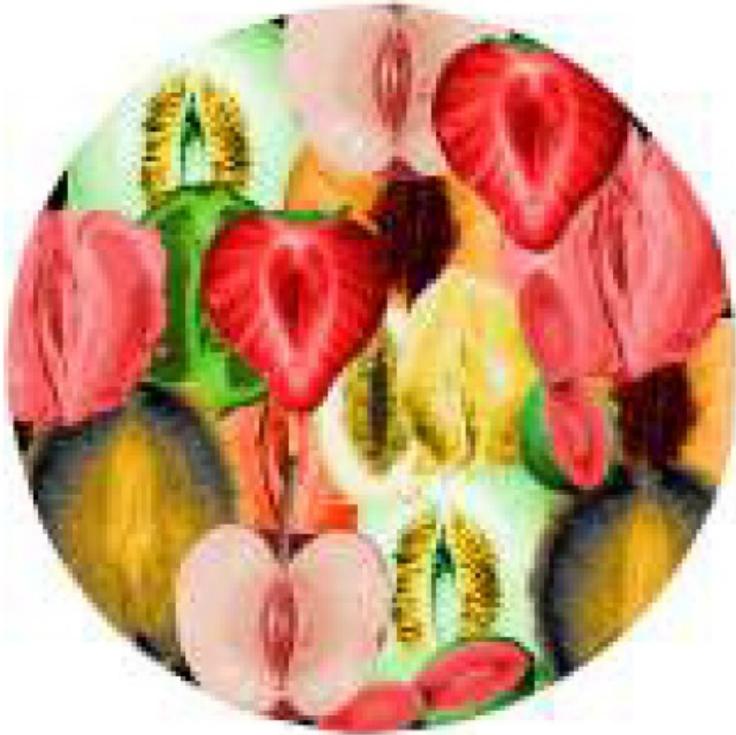














9



9







Q



Q





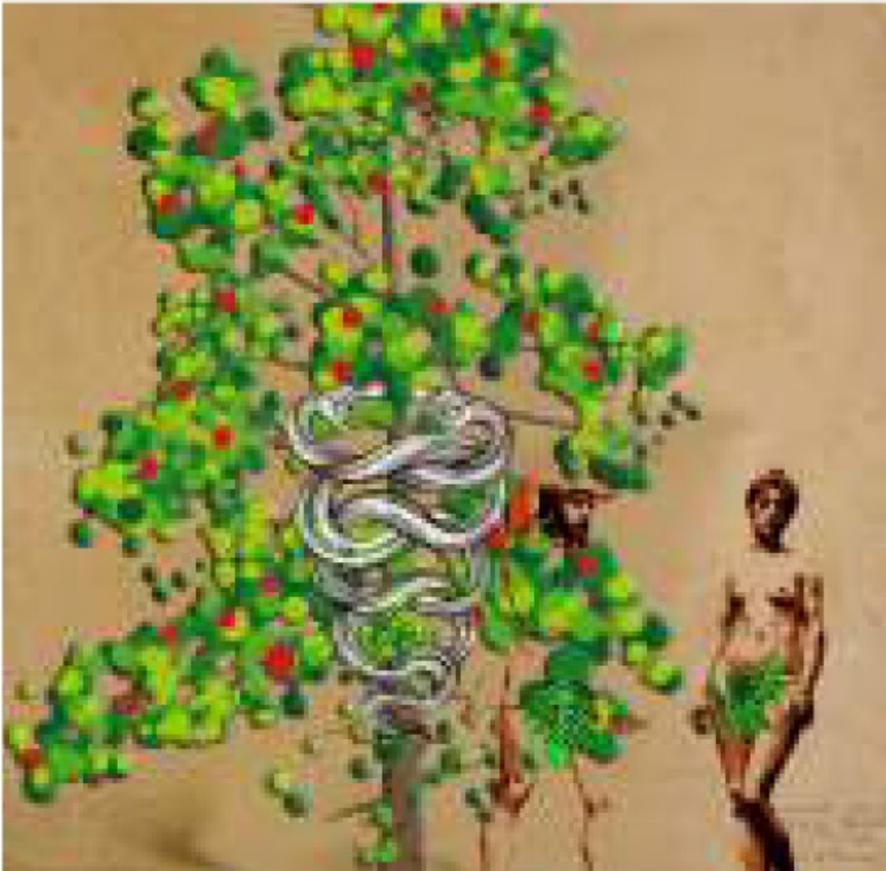




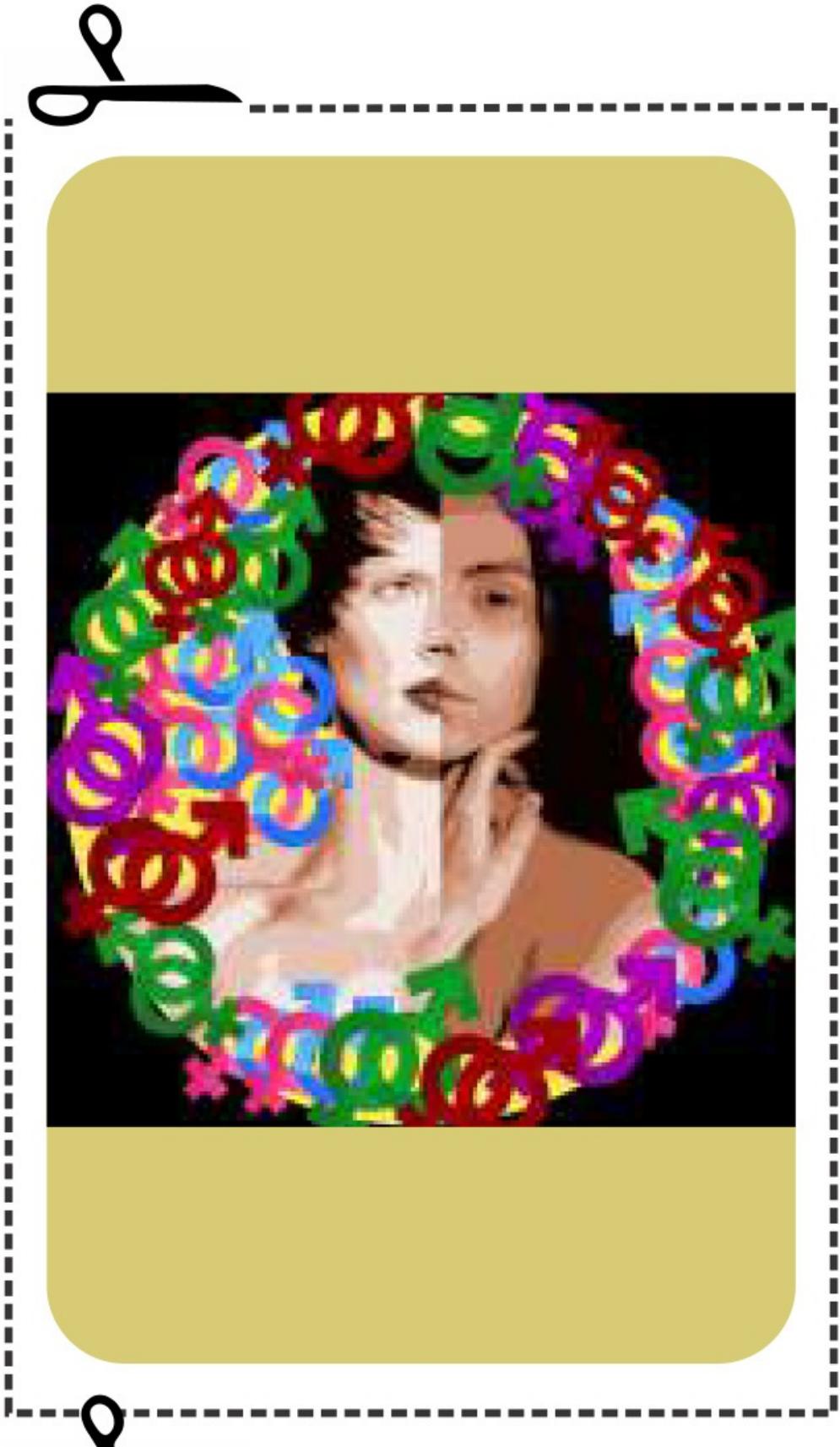








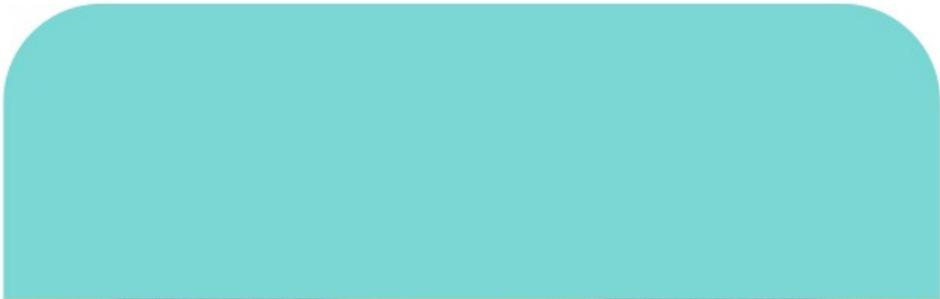








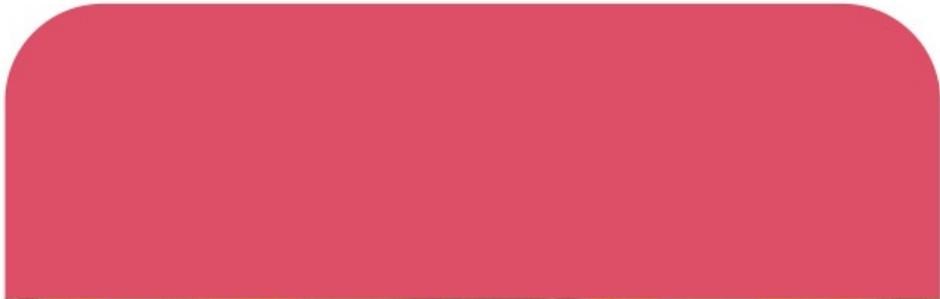


















9







# GLOSSÁRIO

Os créditos autorais dos termos citados literalmente neste glossário pertencem as publicações:  
Portal USP Diversidade, disponível  
<http://prceu.usp.br/uspdiversidade/lgbtqia/> (termos Assexual e Queer)

E todos os demais integram a publicação - Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Livro de conteúdo. Versão 2009. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.  
[http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2014/ig/pdf/genero\\_diversidade\\_escola\\_2009.pdf](http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2014/ig/pdf/genero_diversidade_escola_2009.pdf)

**Assexual:** pessoa que não possui atração sexual nem por homens e nem por mulheres ou que não possua orientação sexual definida\*\*.

**Assimetrias de gênero:** Desigualdades de oportunidades, condições e direitos entre homens e mulheres, gerando uma hierarquia de gênero.

**Bissexual:** Pessoa que tem desejos, práticas sexuais e relacionamento afetivo-sexual com pessoas de ambos os sexos.

**Corpo:** Conceito que incorpora, além das potencialidades biológicas, todas as dimensões psicológicas, sociais e culturais do aprendizado através das quais as pessoas desenvolvem a percepção da própria vivência

**Cultura:** Fenômeno unicamente humano, a cultura refere-se à capacidade que os seres humanos têm de dar significado às suas ações e ao mundo que os rodeia. A cultura é compartilhada pelos indivíduos de um determinado grupo, não se

relacionando a um fenômeno individual. Por outro lado, cada grupo de seres humanos, em diferentes épocas e lugares, atribui significados diferentes a coisas e a passagens da vida aparentemente semelhantes.

**Desigualdade:** Quando falamos em desigualdade, estamos tratando de um fenômeno social que produz uma hierarquização entre indivíduos e/ou grupos não permitindo um tratamento igualitário (em termos de oportunidades, acesso a bens e recursos etc.) a todos/as.

**Direitos reprodutivos:** São direitos que asseguram a autonomia nas escolhas reprodutivas, como o de decidir sobre a reprodução sem sofrer discriminação, coerção, violência ou restrição de filhos e de intervalo entre os nascimentos; o direito de ter acesso à informação e aos meios para o exercício saudável e seguro da reprodução e da sexualidade; e o direito de ter controle sobre o próprio corpo.

**Direitos Humanos:** Constituem o marco de reconhecimento dos direitos e liberdades básicas inerentes à pessoa humana, sem qualquer espécie de discriminação. São os direitos que consagram o respeito à dignidade humana, que visam resguardar a integridade física e psicológica das pessoas perante seus semelhantes e perante o Estado em geral. Exemplos desses direitos e liberdades reconhecidos com direitos humanos incluem os direitos civis e políticos, o direito à vida e à liberdade, liberdade de expressão e igualdade perante a lei, direitos sociais, culturais e econômicos, o direito à saúde, ao trabalho e à educação. Em 1948, após a Segunda Guerra Mundial, foi proclamada a Declaração Universal de Direitos Humanos, com a qual se inicia a fase de afirmação universal e positiva dos direitos humanos, materializada na busca por instrumentos internacionais (pactos, declarações e tratados) de defesa desses direitos. Alguns exemplos especialmente relevantes para o estabelecimento dos direitos relativos ao livre exercício da sexualidade são: o Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos e o de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (ambos de 1966), a Declaração sobre a Eliminação de Discriminação contra a Mulher (1967) e a Convenção subsequente (1979), A Declaração Universal dos Direitos da Criança (1959) e Convenção sobre os Direitos da Criança (1989). Declaração Universal de Direitos Humanos: <http://www.unhcr.ch/udhr/lang/por.htm>

**Diferença:** Ao falarmos de diferença, estamos marcando que indivíduos e/ou grupos possuem variadas formas de distinção ou de semelhança (sexo, cor, idade,

nacionalidade etc.). A relação entre eles estabelece-se na medida em que a desigualdade se pauta por critérios que são de diferença e semelhança, como sexo, cor, orientação sexual. Por isso, o emblema: Viva a diferença com direitos iguais!

**Direitos sexuais:** São direitos que asseguram aos indivíduos a liberdade e a autonomia nas escolhas sexuais, como a de exercer a orientação sexual sem sofrer discriminações ou violência.

**Discriminação:** Ação de discriminar, tratar diferente, anular, de tornar invisível, excluir, marginalizar.

**Estereótipos:** Consiste na generalização e na atribuição de valor (na maioria das vezes, negativo) a algumas características de um grupo, reduzindo-o a elas e definindo os “lugares de poder” a serem ocupados. É uma generalização de julgamentos subjetivos feitos em relação a um determinado grupo, impondo-lhes o lugar de inferior e o lugar de incapaz, no caso dos estereótipos negativos.

**Estado laico, laicidade do Estado:** O princípio da laicidade do Estado é a imparcialidade diante dos conflitos do campo religioso, que corresponde à soberania popular em matéria de política e de cultura. Corretamente entendido, o Estado laico não apóia direta ou indiretamente, explícita ou implicitamente correntes religiosas, tampouco professa uma ideologia irreligiosa ou anti-religiosa. A laicidade do Estado é condição para a liberdade de crença garantida pela Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, e pela Constituição brasileira de 1988 (Adaptado do Observatório do Estado Laico, disponível em: <http://www.nepp-dh.ufrj.br/ole/index.html>)

**Estigma:** marca, rótulo atribuídos a pessoas e grupos, seja por pertencerem a determinada classe social, por sua identidade de gênero, por sua cor/raça/etnia. O estigma é sempre uma forma de simplificação, de desqualificação da pessoa e do grupo. Os estigmas decorrem de preconceitos e ao mesmo tempo os alimentam, cristalizando pensamentos e expectativas com relação a indivíduos e grupos.

**Equidade de gênero:** Igualdade de direitos, oportunidades e condições entre homens e mulheres.

**Estereótipos:** Consiste na generalização e na atribuição de valor (na maioria das vezes, negativo) a algumas características de um grupo, reduzindo-o a elas e definindo os “lugares de poder” a serem ocupados. É uma generalização de julgamentos subjetivos feitos em relação a um determinado grupo, impondo-lhes o lugar de inferior e o lugar de incapaz, no caso dos estereótipos negativos.

**Gay:** Pessoa do gênero masculino que tem desejos, práticas sexuais e/ou relacionamento afetivo-sexual com outras pessoas do gênero masculino.

**Gênero:** Conceito formulado nos anos 1970 com profunda influência do pensamento feminista. Ele foi criado para distinguir a dimensão biológica da dimensão social, baseando-se no raciocínio de que há machos e fêmeas na espécie humana, no entanto, a maneira de ser homem e de ser mulher é realizada pela cultura. Assim, gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia de seus corpos.

**Hierarquia de gênero:** Pirâmide social econômica construída pelas relações assimétricas de gênero.

**Heteronormatividade:** Termo que se refere aos ditados sociais que limitam os desejos sexuais, as condutas e as identificações de gênero que são admitidos como normais ou aceitáveis àqueles ajustados ao par binário masculino/feminino. Desse modo, toda a variação ou todo o desvio do modelo heterossexual complementar macho/fêmea – ora através de manifestações atribuídas à homossexualidade, ora à transgeneridade – é marginalizada/o e perseguida/o como perigosa/o para a ordem social. Ver o texto “Homofobia e heterossexismo” nesta Unidade.

**Heterossexualidade:** Atração sexual por pessoas de outro gênero e relacionamento afetivo-sexual com elas.

**Homoafetividade:** Termo criado pela advogada Maria Berenice Dias para realçar que o afeto é um aspecto central também nos relacionamentos que fogem à norma heterossexual. Veja:

<http://www.consciencia.net/2003/06/07/homoafeto.html>

**Homossexualidade:** Atração sexual por pessoas do mesmo gênero e relacionamento afetivo-sexual com elas.

**Identidade de Gênero:** Diz respeito à percepção subjetiva de ser masculino ou feminino, conforme os atributos, os comportamentos e os papéis convencionalmente estabelecidos para homens e mulheres.

**Intersexual ou “intersex”:** É o termo geral adotado para se referir a uma variedade de condições (genéticas e/ou somáticas) com que uma pessoa nasce, apresentando uma anatomia reprodutiva e sexual que não se ajusta às definições típicas do feminino ou do masculino.

**Lésbica:** Pessoa do gênero feminino que têm desejos, práticas sexuais e/ou relacionamento afetivo-sexual com outras pessoas do gênero feminino.

**Movimento Feminista:** Movimento social e político de defesa de direitos iguais para mulheres e homens, tanto no âmbito da legislação (plano normativo e jurídico), quanto no plano da formulação de políticas públicas que ofereçam serviços e programas sociais de apoio a mulheres.

**Movimento LGBT:** No conjunto das conquistas político-sociais da atuação do Movimento LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros), se enquadra a sensibilização da população de modo geral para as formas de discriminação por orientação sexual, que têm levado estudantes a abandonarem a escola, por não suportarem o sofrimento causado pelas piadinhas e ameaças cotidianas dentro e fora dos muros escolares. Esses mesmos movimentos têm apontado a urgência de inclusão, no currículo escolar, da diversidade de orientação sexual, como forma de superação de preconceitos e enfrentamento da homofobia. Há pouco mais de uma década, era impensável a “Parada do Orgulho Gay”, atualmente denominada Parada LGBT, por exemplo, que ocorre em boa parte das grandes cidades brasileiras. Cada vez mais vemos homossexuais ocupando a cena pública de diferentes formas. A atual luta pela parceria civil constitui uma das muitas bandeiras dos movimentos homossexuais com apoio de vários outros movimentos sociais.

**Naturalização:** Refere-se aqui ao modo como idéias, valores e regras sociais (produzidos por homens e mulheres em contextos históricos) são transmitidos,

justificados e adotados como se existissem independentes da ação humana, como se fossem imposições externas (“naturais”) que não podem ser evitadas, combatidas ou modificadas, sob o risco de alterarem essa ordem “natural” que garantiria a estabilidade e a reprodução da sociedade. Uma construção “naturalizada” é percebida como dado inquestionável da realidade, quando de fato as condições de ela ser considerada verdadeira são o resultado de um processo social.

**Orientação sexual:** Refere-se ao sexo das pessoas que elegemos como objetos de desejo e afeto. Hoje são reconhecidos três tipos de orientação sexual: a heterossexualidade (atração física e emocional pelo “sexo oposto”); a homossexualidade (atração física e emocional pelo “mesmo sexo”); e a bissexualidade (atração física e emocional tanto pelo “mesmo sexo” quanto pelo “sexo oposto”). O termo “orientação sexual” contrapõe-se a uma determinada noção de “opção sexual”, entendida como escolha deliberada e supostamente realizada de maneira autônoma pelo indivíduo, independente do contexto social em que se dá. Nossas maneiras de ser, agir, pensar e sentir refletem de modo sutil, complexo e profundo os contextos de nossa experiência social. Assim, a definição dos nossos objetos de desejo não pode resultar em uma simples opção efetuada de maneira mecânica, linear e voluntariosa.

**Preconceito:** Qualquer atitude negativa em relação a uma pessoa ou a um grupo social que derive de uma idéia preconcebida sobre tal pessoa ou grupo. É possível então dizer que a atitude preconceituosa está baseada não em uma opinião adquirida com a experiência, mas em generalizações que advêm de estereótipos.

**Queer\*\*** - atua com a ideia que abrange as pessoas de ambos os gêneros que possuem uma variedade de orientações, preferências e hábitos sexuais, ou seja, um termo neutro que possa ser utilizado por todos os adeptos desse movimento

**Racismo:** É uma doutrina que afirma não só a existência das raças, mas também a superioridade natural e, portanto, hereditária, de umas sobre as outras. A atitude racista, por sua vez, é aquela que atribui qualidades aos indivíduos ou aos grupos conforme o seu suposto pertencimento biológico a uma dessas diferentes raças, portanto, de acordo com as suas supostas qualidades ou defeitos inatos e hereditários.

**Sexo biológico:** Conjunto de informações cromossômicas, órgãos genitais, capacidades reprodutivas e características fisiológicas secundárias que distinguem machos e fêmeas.

**Sexologia:** É a ciência que estuda problemas fisiológicos e psíquicos relacionados à sexualidade, geralmente associados, nesta disciplina, à idéia de um organismo potente, à existência de um impulso sexual “natural”, cujo destino “normal” seria a cópula heterossexual.

**Sexualidade:** Refere-se às elaborações culturais sobre os prazeres e os intercâmbios sociais e corporais que compreendem desde o erotismo, o desejo e o afeto até noções relativas à saúde, à reprodução, ao uso de tecnologias e ao exercício do poder na sociedade. As definições atuais da sexualidade abarcam, nas ciências sociais, significados, ideais, desejos, sensações, emoções, experiências, condutas, proibições, modelos e fantasias que são configurados de modos diversos em diferentes contextos sociais e períodos históricos. Trata-se, portanto, de um conceito dinâmico que vai evoluindo e que está sujeito a diversos usos, múltiplas e contraditórias interpretações, e que se encontra sujeito a debates e a disputas políticas.

**Sexo seguro:** termo que representa um conjunto de cuidados e habilidades que cada pessoa desenvolve para evitar atividades que apresentem riscos indesejados. Embora ainda não faça parte dos hábitos de muitos adolescentes, o uso consistente da camisinha é o meio mais seguro de prevenção contra o HIV/Aids e contra outras doenças sexualmente transmissíveis.

**Transgêneridade:** Transgênero ou “trans” são termos utilizados para reunir, numa só categoria, travestis e transexuais como sujeitos que realizam um trânsito entre um gênero e outro.

**Transexual:** Pessoa que possui uma identidade de gênero diferente do sexo designado no nascimento. Homens e mulheres transexuais podem manifestar o desejo de se submeterem a intervenções médico-cirúrgicas para realizarem a adequação dos seus atributos físicos de nascença (inclusive genitais) à sua identidade de gênero constituída.

**Travesti:** Pessoa que nasce do sexo masculino ou feminino, mas que tem sua

identidade de gênero oposta ao seu sexo biológico, assumindo papéis de gênero diferentes daquele imposto pela sociedade. Muitas travestis modificam seus corpos através de hormonioterapias, aplicações de silicone e/ou cirurgias plásticas, porém vale ressaltar que isso não é regra para todas (Definição adotada pela Conferência Nacional LGBT em 2008).

**Violência por preconceito:** Refere-se a agressões e a atos violentos que impõem o exercício de uma hierarquia social, sendo expressivos de uma relação de dominação de um grupo ou categoria social sobre outro/a, por exemplo, homens sobre mulheres, ricos sobre pobres, brancos sobre pessoas de pele escura, nativos contra estrangeiros e migrantes, heterossexuais contra homossexuais. Esses atos requerem a aprovação social que justifica a conduta violenta como instrumento para a subordinação ou a exclusão do grupo discriminado, e faz com que a violência represente uma ameaça constante contra determinado grupo.



### ***adolescente***

Café Filosófico CPFL - Adolescentes: ontem, hoje e amanhã

<https://www.youtube.com/watch?v=bX6pqBvLjTs>

### ***aids - youtuberes***

Super Indetectável - João Geraldo Netto

<https://www.youtube.com/channel/UC48y6mvG0I8ugyceRibgahw>

Boa sorte - Gabriel Estrela

<https://www.youtube.com/channel/UCcg2zyxjl1Lc8LMjo6y1Tg>

Doutor Maravilha - Vinícius Borges

[www.doutormaravilha.com.br](http://www.doutormaravilha.com.br)

### ***campanhasde aids***

Ministério da Saúde - Campanha Indetectável

<http://www.aids.gov.br/pt-br/campanha/campanha-indetectavel>

Põe na Roda - HIV HOJE (com Dráuzio Varella) - 1º de Dezembro - Dia Mundial de luta contra HIV/AIDS

<https://www.youtube.com/watch?v=8vlVyOwz0J4>

Entrevista completa com o ativista Léo Aprígio Rede Jovem do Rio+. Viver com HIV – intitulado Viver com HIV.

<https://youtu.be/pQYAq1HF-PE>

### ***sexualidade e gênero***

Porque discutir gênero e sexualidade nas escolas - #VaiTerGêneroNoPMESim

<https://www.youtube.com/watch?v=NQV0lnuUS1s>

Diálogos Impertinentes - A sexualidade

[https://www.youtube.com/watch?v=\\_UHjMN5qFKA](https://www.youtube.com/watch?v=_UHjMN5qFKA)

Arte e Filosofia - Bauman e o Amor Líquido

<https://www.youtube.com/watch?v=FJT9RqmU9Rs>

Entrevista Completa com Professor Sérgio Carrara

<https://youtu.be/QP8Wefrkrj4>

### ***escola sem partido***

Fernando Penna (UFF) sobre a Reforma do Ensino Médio

<https://www.youtube.com/watch?v=L6nQ8PyzYkA>

Escola sem Partido como Chave de Leitura Pt. 2 (Fernando Penna)

[https://www.youtube.com/watch?v=hipkLleDA\\_o](https://www.youtube.com/watch?v=hipkLleDA_o)

Escola sem Partido como Chave de Leitura Pt. 3 (Fernando Penna)

<https://www.youtube.com/watch?v=ec5prmQIP3U>

Contraponto: Escola Sem Partido

<https://www.youtube.com/watch?v=oAy7LOaVFKk>

### ***vida em sociedade***

Café Filosófico CPFL - Afeto, psicanálise e política.

[https://www.youtube.com/watch?v=CCosf\\_2kNYc](https://www.youtube.com/watch?v=CCosf_2kNYc)

Maquiada na Livraria - Vigiar e Punir, Michel Foucault

<https://www.youtube.com/watch?v=L4N7GScil-E>



Little Mix - Woman Like Me (2018) - <https://www.youtube.com/watch?v=fSOpiZo1BAA>

Vitor Kley - Como Se Fosse Ontem (2018) - [https://www.youtube.com/watch?v=Valv\\_Ys9nxc](https://www.youtube.com/watch?v=Valv_Ys9nxc)

DJ Khaled - Wild Thoughts (2017) - <https://www.youtube.com/watch?v=fyaI4-5849w>

Ariana Grande - Breathin(2018) - <https://www.youtube.com/watch?v=kN0iD0pI3o0>

David Guetta - Titanium (2011) - <https://www.youtube.com/watch?v=JRfuAukYTKg>

Vitor Kley - Armas Ao Nosso Favor (2018) - <https://www.youtube.com/watch?v=Lb4DtWi5-uQ>

Ariana Grande - God Is A Woman (2018) - <https://www.youtube.com/watch?v=kHLHSlExFis>

Little Mix - Joan Of Arc (2018) - [https://www.youtube.com/watch?v=Y\\_IpTWEy9vo](https://www.youtube.com/watch?v=Y_IpTWEy9vo)

# FONTES INSTITUCIONAIS

Ministério da Saúde

Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das IST, do HIV/Aids e das Hepatites Virais <http://www.aids.gov.br/pt-br>

CLAM

Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos  
(CLAM/IMS/UERJ) <http://www.clam.org.br/>

USP

Portal USP- Diversidade. Saiba mais sobre Diversidade e desigualdade, Gênero, Mulheres <http://prceu.usp.br/uspdiversidade>

Un aids

Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS) -  
<https://unaids.org.br/>

Movimentos Sociais na área da Aids

Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA) - <http://abiaids.org.br/>

Articulação Nacional de AIDS (ANAIDS) - [articulacao.nacional@gmail.com](mailto:articulacao.nacional@gmail.com)

Grupo de Incentivo a Vida - <http://www.giv.org.br/Pesquisa-Tematica/sexualidade.html>

GRUPO PELA VIDDA (Valorização, Integração e Dignidade do Doente de Aids) RIO DE JANEIRO (GPV/RJ) - <http://www.pelavidda.org.br/site/>

Movimento Nacional das Cidadãs Positivas -

[https://www.facebook.com/pg/cidadaspositivas/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/cidadaspositivas/about/?ref=page_internal)

Rede Mundial de Pessoas Vivendo e Convivendo com HIV -

[www.RedeMundial.org/sobre](http://www.RedeMundial.org/sobre)

Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV/AIDS (RNP+ Brasil) -  
<http://www.rnpvha.org.br/category/quem-somos>

# BIBLIOGRAFIA

AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita et al. Adolescência e aids: avaliação de uma experiência de educação preventiva entre pares. Interface (Botucatu) [online]. 2003, vol.7, n.12, pp.123-138. Disponível - <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832003000100009>.

AYRES, J.R.C.M., Adolescentes e jovens vivendo com HIV/Aids: cuidado e promoção à saúde no cotidiano da equipe multiprofissional. In: Cuidado: trabalho e interação nas práticas de saúde. CEPESC – IMS/UERJ – ABRASCO, Rio de Janeiro, 2009, p233-282.

ANGELIM, Rebeca Coelho de Moura et al. Representações sociais de estudantes de escolas públicas sobre as pessoas que vivem com HIV/Aids. Saúde debate [online]. 2017, vol.41, n.112, pp.221-229. Disponível - <http://dx.doi.org/10.1590/0103-1104201711218>.

BASTOS, FI. Aids na terceira década [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006. Temas em Saúde collection, 104 p. <https://static.scielo.org/scielobooks/ck2pg/pdf/bastos-9788575413012.pdf>

BEZERRA, Nielson da Silva (org.). Respeitando as diferenças no espaço escolar. Recife: Gestos, 2007.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Livro de conteúdo. Versão 2009. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009. [http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2014/ig/pdf/genero\\_diversidade\\_escola\\_2009.pdf](http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2014/ig/pdf/genero_diversidade_escola_2009.pdf)

BRASIL, Declaração Universal de Direitos Humanos: <http://www.unhcr.ch/udhr/lang/por.htm>

CAMARGO, Brigido V and BOTELHO, Lúcio J. Aids, sexualidade e atitudes de

adolescentes sobre proteção contra o HIV. Rev. Saúde Pública [online]. 2007, vol.41, n.1, pp.61-68. Epub Nov 28, 2006. Disponível - <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102006005000013>.

CARRARA, S. Moralidades, racionalidades e políticas sexuais no Brasil contemporâneo. Mana [online]. 2015, vol.21, n.2, pp.323-345.

FREUD, S. Mais Além do Princípio do Prazer (1925-1926). Obras Completas. Volume VIII. Rio de Janeiro: Editora Delta S.A., 1996

HEILBORN, M.L.; (et al.). O Aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros. Garamond e Editora Fiocruz, Rio de Janeiro, 2006, 534p.

JEOLAS, Leila Sollberger and FERRARI, Rosângela Aparecida Pimenta. Oficinas de prevenção em um serviço de saúde para adolescentes: espaço de reflexão e de conhecimento compartilhado. Ciênc. saúde coletiva [online]. 2003, vol.8, n.2, pp.611-620. Disponível - <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232003000200021>.

LEITE, V.; TERTO, V. JR.; PARKER, R. Dimensões Sociais e Políticas da Prevenção. Rio de Janeiro: Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS, 2018.

MEYER, Dagmar and FELIX, Jeane. “Entre o ser e o querer ser...”: jovens soropositivos(as), projetos de vida e educação. Educ. rev. [online]. 2014, vol.30, n.2, pp.181-206. Disponível - <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982014000200009>.

NOGUEIRA, M.J.; MODENA, C.M.; SCHALL, V.T. Materiais educativos impressos sobre saúde sexual e reprodutiva utilizados na atenção básica em Belo Horizonte, MG: caracterização e algumas considerações. RECIIS - R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde. Rio de Janeiro, v.3, n.4, p.169-179, dez., 2009.

REIS, T.; EGGERT, E. Ideologia De Gênero: Uma Falácia Construída Sobre Os Planos De Educação Brasileiros. Educ. Soc. [online]. 2017, vol.38, n.138, pp.9-26. Disponível - <http://dx.doi.org/10.1590/es0101-73302017165522>.

REZENDE, R. F. C. Discursos e sentidos sobre sexualidade e Aids a partir da análise de materiais educativos para adolescentes. [Dissertação de mestrado], PPGICS/Fiocruz: Rio de Janeiro, 2016.

SANTOS, K.S.; FARIAS, I.F.; REZENDE, R.C.F.; MONTEIRO, S.; MIRA, P.I.; SOUZA, M.S.; Sexualidade e Aids no cotidiano escolar: o que dizem os adolescentes? Rio de Janeiro: FAPERJ/IOC/FIOCRUZ, 2017.

SANTOS, K.S. Materiais educativos sobre DST/AIDS: um dispositivo da memória e das práticas comunicativas vigentes neste campo. [Relatório Técnico de pesquisa - Fapemig – Edital 15/2010], 2013

SOUZA, M.S.M.; PRAÇA, A.V.S. Mapa Conceitual Dinâmico: Uma Nova Adaptação Pedagógica na Formação de Professores de Nível Médio. Anais do 6º Encontro Nacional de Aprendizagem Significativa 2016. ISSN:2237-0129.

Disponível em <http://www.apsignificativa.com.br/anais>

TAQUETTE, Stella Regina; RODRIGUES, Adriana de Oliveira and BORTOLOTTI, Livia Rocha. Percepção de pacientes com AIDS diagnosticada na adolescência sobre o aconselhamento pré e pós-teste HIV realizado. Ciênc. saúde coletiva [online]. 2017, vol.22, n.1, pp.23-30. Disponível - <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232017221.23532015>.

UNAIDS. Guia de Terminologia do UNAIDS. 2017. UNAIDS / JC2672E -

Disponível - [https://unaids.org.br/wp-](https://unaids.org.br/wp-content/uploads/2015/06/WEB_2018_01_18_GuiaTerminologia_UNAIDS.pdf)

[content/uploads/2015/06/WEB\\_2018\\_01\\_18\\_GuiaTerminologia\\_UNAIDS.pdf](https://unaids.org.br/wp-content/uploads/2015/06/WEB_2018_01_18_GuiaTerminologia_UNAIDS.pdf)

